

LAURELL K.  
HAMILTON

CARÍCIAS DA  
NOITE

*Tradução de Nanci Marcelino*



*Este é para o J, que, incansavelmente, me trouxe chávenas de chá indiano e que, pela primeira vez, observou todo o processo, do início ao fim. Ele ainda me ama e todos vocês, casados com pessoal artístico como nós, sabem exatamente o que isso significa para nós os dois.*

## AGRADECIMENTOS

A Shauna Summers, a minha nova editora, obrigada pelo profissionalismo. A Darla Cook, que ajudou a rever este livro, quando já não havia tempo para o fazer passar de mão em mão. Ao meu persistente grupo de escrita: Tom Drennan, Rhett MacPherson, Deborah Millitello, Marella Sands, Sharon Shinn e Mark Sumner. Muito obrigada por toda a paciência que tiveram comigo enquanto o meu mundo desabou e se reergueu novamente.





## CAPÍTULO 1

A luz do luar prateava o quarto, pintando a cama com centenas de tons acinzentos, brancos e pretos. Os dois homens deitados na cama estavam profundamente adormecidos. Estavam a dormir tão intensamente que mal se mexeram quando saí do meio deles. A minha pele emitia um brilho produzido pelas carícias do luar. O vermelho-sangue puro do meu cabelo agora parecia preto. Vestira um robe de seda, porque estava fresco. As pessoas até podem falar da Califórnia soalheira, mas durante a madrugada, quando a alvorada não passa ainda de um sonho distante, está sempre muito frio. A noite que caíra, qual bênção agradável, para lá da minha janela era uma noite de Dezembro. Se estivesse em casa, no Illinois, ter-se-ia sentido o cheiro a neve, quase suficientemente estaladiça para se derreter na língua. Fria o suficiente para queimar os pulmões. Tão fria que era tal e qual como respirar fogo gelado. Era esse o sabor que o ar devia ter no início de Dezembro. A brisa que rastejava pela janela por trás de mim continha um travo seco a eucalipto e o aroma do mar longínquo. Sal, água e algo mais. Aquele odor indefinível que nos lembra o oceano, não um lago, não algo utilizável, algo bebível. Pode-se morrer de sede à beira de um oceano.

Permanecera durante três anos no litoral deste oceano em particular e morri um pouco todos os dias. Não literalmente — sobrevivera —, mas a mera sobrevivência pode tornar-se bastante solitária. Eu nascera princesa, princesa Meredith NicEssus, membro da corte real das Fadas. Eu era uma fada princesa da vida real, a única alguma vez nascida em território norte-americano. Os meios de comunicação haviam dado em doidos há três anos, quando desapareci. Avistamentos da princesa americana das Fadas competiram com os avistamentos de Elvis. Eu fora localizada por todo o mundo quando, na realidade, permanecera o tempo inteiro em Los Angeles. Escondera-me, tornara-me na comum Meredith Gentry, Merry para os meus amigos. Não era mais do que outro ser humano com antepassados

feéricos a trabalhar para a Agência de Detectives Grey, onde nos especializávamos em problemas sobrenaturais e em soluções mágicas.

A lenda diz que um ser feérico exilado do mundo das Fadas definhará e morrerá. Isso tanto é verdade como mentira. Os meus antepassados transmitiram-me sangue humano suficiente para permitir que não me sinta incomodada ao estar rodeada por metal e tecnologia. Alguns dos seres feéricos menos poderosos definhariam e morreriam literalmente numa cidade construída por humanos. No entanto, a maior parte dos seres feéricos consegue viver numa cidade; podem não ser felizes, mas sobrevivem. Uma parte deles, porém, realmente desvanece — aquela parte que sabe que nem todas as borboletas que vemos o são verdadeiramente. Aquela parte que viu o céu nocturno preenchido por uma precipitação de asas, como um vento tempestuoso, asas de carne e escamas que levavam os humanos a murmurar designações como dragões e demónios; aquela parte que assistiu a viagens de Sidhe em cavalos feitos da luz das estrelas e de sonhos. Essa parte começa a morrer.

Eu não me exilara, eu fugira, porque não conseguia sobreviver às tentativas de assassinato. Simplesmente não possuía a magia nem o poder político para me proteger a mim própria. Salvara a minha vida, mas perdera outra coisa. Perdera o contacto com Fadas. Perdera o meu lar.

Agora, ao debruçar-me sobre o meu peitoral, com o aroma do oceano Pacífico pelo ar, baixei o olhar para os dois homens e soube que estava em casa. Ambos pertenciam à corte real Sidhe, eram Sidhe Unseelie, faziam parte daquela multidão sombria que, um dia, talvez eu viesse a governar, se conseguisse manter-me um passo à frente dos assassinos. Rhys estava deitado de barriga para baixo, com uma mão pendurada para fora da cama e a outra perdida algures por baixo da almofada dele. Até mesmo em repouso aquele braço visível era musculado. O seu cabelo era uma catarata cintilante de caracóis brancos, que lhe acariciavam os ombros despidos e se derramavam ao longo das suas costas fortes. O lado direito do seu rosto estava pressionado contra a almofada e, por isso, não me era possível ver as cicatrizes da zona onde lhe fora retirado o seu olho. A sua boca perfeita estava para cima, meio sorridente enquanto dormia. A sua beleza era, de certo modo, infantil, e assim o seria para sempre.

Nicca estava deitado de lado, todo enroscado em si próprio. Acordado, o seu rosto era atraente, quase na fronteira do bonito; a dormir, tinha as faces angélicas de uma criança. Tinha um ar inocente, frágil. Até o seu corpo era mais macio, menos musculado. As suas mãos, porém, estavam calejadas devido ao manejo da espada e, por baixo da suavidade da sua pele, havia puro músculo. Contudo, em comparação com os outros guardas, ele era mais cortês do que mercenário. A cara tanto condizia com

o corpo como não. Media pouco mais de 1,83 m, a maioria dos quais correspondiam a umas longas, longas pernas; a sua cintura estreita e os seus braços graciosos balançavam-se sobre todo aquele comprimento. Nicca era maioritariamente caracterizado por tons castanhos. A pele dele era da cor de leite com chocolate e o cabelo que lhe caía directamente até aos joelhos detinha um rico e puro tom castanho-escuro. Não era moreno, era sim da cor de folhas caídas no chão da floresta durante muito tempo até à altura em que, ao serem varridas, apresentam um castanho rico e húmido, algo em que se pode mergulhar as mãos e de onde estas saem molhadas e a cheirar a uma nova vida.

Na escuridão semi-iluminada pelo luar não conseguia ver-lhe claramente as costas, nem mesmo os ombros. Grande parte dele estava perdida sob o lençol. Era nas suas costas que residia a maior surpresa. O pai dele havia sido uma criatura com asas de borboleta, não pertencera aos Sidhe, mas não deixara de ser um ser feérico. A genética havia-lhe delineado asas nas costas, como se fosse uma tatuagem gigante, à excepção de serem mais vividas, mais vivas do que qualquer tinta o poderia fazer. Uma explosão de cores começava na parte superior dos seus ombros, percorria-lhe as costas, passava pelas nádegas, fluía sobre as ancas e ia tocar-lhe na parte de trás dos joelhos: castanho muito claro, castanhos-amarelados, círculos de azul, cor-de-rosa e preto como ocelos nas asas de uma traça.

Estava deitado na escuridão de tal modo esvaziada de qualquer cor que ele e Rhys eram como duas sombras embrulhadas na cama, uma pálida, outra escura, apesar de haver coisas mais escuras ainda do que Nicca, muito mais escuras.

A porta do quarto abriu-se sem qualquer ruído e, como se eu o tivesse invocado, Doyle entrou lentamente no quarto. Fechou a porta por trás dele tão silenciosamente como quando a abria. Nunca entendi como é que ele fazia aquilo. Se tivesse sido eu a abrir a porta, teria feito barulho. Mas quando Doyle queria, movia-se como o próprio cair da noite: silencioso, leve, imperceptível até nos apercebermos que apagaram a luz e que estamos sozinhos no escuro com algo que não conseguimos ver. A alcunha dele era o *Negrume da Rainha*, ou simplesmente *Negrume*. A rainha diria: «Onde está o meu *Negrume*? Tragam-me o meu *Negrume*!», o que significava que, em breve, seria derramado o sangue de alguém ou que alguém morreria. Mas agora, estranhamente, ele era o meu *Negrume*.

Nicca era castanho, todavia, Doyle era preto. Não era preto como a cor preta da pele humana, mas da absoluta escuridão de um céu à meia-noite. Ele não desapareceu no quarto obscuro, porque era mais escuro do que as sombras iluminadas pelo luar. Era uma forma sombria que deslizava na minha direcção. Os *jeans* e a *t-shirt* pretos dele serviam-lhe como uma se-

gunda pele. Nunca o vira usar qualquer coisa que não fosse monocromática, excepto as jóias e as espadas. Até o coldre de ombro e a arma dele eram pretos.

Afastei-me da janela para me colocar de pé, à medida que ele se aproximava de mim. Teve de interromper o seu movimento deslizante quando chegou à cama *king-size*, visto mal haver espaço onde se pudesse comprimir entre a cama e as portas do armário. A visão de Doyle a deslizar ao longo da parede sem tocar na cama era simplesmente impressionante. Ele era trinta centímetros mais alto do que eu e, provavelmente, era quarenta e cinco quilos mais pesado do que eu, maioritariamente compostos por músculo. Eu teria batido contra a cama uma dúzia de vezes, no mínimo. Ele passou facilmente por aquele espaço estreito como se qualquer outra pessoa devesse ser capaz de o fazer.

A cama ocupava grande parte do quarto, por isso, quando Doyle finalmente me alcançou, fomos obrigados a ficar de pé, quase encostados um ao outro. Ele conseguiu manter um pequeno espaço de intervalo entre nós com o intuito de nem mesmo as nossas roupas se roçarem. Era uma distância artificial. Teria sido mais natural se nos tocássemos, e só o facto de ele se esforçar tanto por não o fazer levou a que se tornasse algo ainda mais embaraçoso. Era algo que me incomodava, contudo, desistira de discutir com Doyle acerca do seu afastamento. Quando o questionava quanto ao assunto, ele apenas respondia: «Quero que me veja como alguém especial, não quero ser somente mais um entre a ralé.» No início, parecera-me uma atitude nobre, mas agora era meramente irritante. Aqui, junto à janela, a iluminação era mais forte, o que me permitia ver parte da curva delicada das suas elevadas maçãs do rosto, o queixo demasiado afiado, as zonas curvas das suas orelhas e o brilho prateado dos brincos que lhe delineavam a cartilagem até às pequenas argolas situadas exactamente no topo pontiagudo. Só as orelhas pontiagudas denunciavam que ele era mestiço, como eu própria, como Nicca. Podia esconder as orelhas com todo aquele cabelo, mas quase nunca o fazia. O seu cabelo escuro como breu estava penteado como de costume: com uma trança bem apertada que fazia com que o seu cabelo, visto de frente, parecesse ser bastante curto. A ponta da trança, porém, chegava-lhe aos tornozelos.

Ele sussurrou:

— Ouvi qualquer coisa — a voz dele soava sempre num tom baixo e sombrio, como um licor adocicado para o ouvido e não para o paladar.

Ergui o olhar para ele.

— Qualquer coisa ou eu a andar por aqui?

Os seus lábios contorceram-se, era a expressão mais próxima que ele normalmente tinha de um sorriso.



— A Meredith.

Abanei a cabeça, de braços cruzados.

— Ter dois guardas na minha cama não é protecção suficiente? — sussurrei de volta.

— São bons homens, mas não são como eu.

Franzi-lhe o sobrolho.

— Estás a dizer que não confias em mais ninguém além de ti para me manter a salvo? — as nossas vozes soavam num tom calmo, praticamente pacífico, tal como as vozes de pais preocupados em não acordar os filhos adormecidos. Era reconfortante saber que Doyle estava tão alerta. De entre todos os Sidhe, ele era um dos melhores guerreiros. Era bom tê-lo do meu lado.

— No Frost... talvez — respondeu ele.

Abanei a cabeça; o meu cabelo tinha crescido o suficiente para me fazer cócegas nos ombros.

— Os Raven<sup>1</sup> da rainha são os melhores guerreiros que o mundo das Fadas tem para oferecer e tu dizes que não há ninguém como tu. Seu arrogante...

Ele nem precisou de se aproximar muito — já estávamos demasiado perto —, moveu-se simplesmente, colando-se a mim o suficiente para que a bainha do meu robe lhe roçasse nas pernas. O luar reflectia-se no pequeno colar que ele usava sempre: uma aranha minúscula feita de jóias, suspensa por um delicado fio de prata. Ele baixou a cabeça até ao ponto de a sua respiração se impelir contra o meu rosto.

— Era capaz de a matar antes ainda de eles se aperceberem do que havia acontecido.

A ameaça acelerou a minha pulsação. Eu sabia que ele não me faria mal algum. Sabia-o e, no entanto... no entanto. Já vira Doyle matar apenas com as suas mãos, sem quaisquer armas, só com a sua força muscular e magia. Ali de pé, a tocar-nos na escuridão intimista, soube sem sombra de dúvida que, se ele quisesse matar-me, podia fazê-lo e nem eu nem os dois guardas adormecidos por trás de mim seríamos capazes de o impedir.

Eu não venceria uma luta, contudo, podia-se fazer outras coisas quando se estava assim pressionado um contra o outro no escuro, coisas com a capacidade de distrair ou desarmar alguém tão bem ou melhor do que uma espada. Virei-me meticulosamente para ele de modo que pressionasse o meu rosto contra a curva do seu pescoço. Os meus lábios mexeram-se so-

---

<sup>1</sup> Em português significa «Corvos». Nome do grupo de 27 guerreiros à disposição da rainha. (N. da T.)

bre a sua pele à medida que eu falava. Colado à minha face, senti como a sua pulsação acelerou.

— Não queres magoar-me, Doyle.

O seu lábio inferior roçou na curva da minha orelha, não exactamente, mas quase como um beijo.

— Podia matar-vos aos três.

Ouviu-se um forte ruído mecânico vindo de trás de nós: o som de uma arma a ser engatilhada. Ouviu-se tão bem no meio de toda aquela quietude que dei um pulo.

— Acho que não conseguias matar-nos aos três — disse Rhys. A sua voz soou de forma clara, precisa, sem qualquer indício de sono. Ele estava simplesmente acordado, a apontar uma arma às costas de Doyle, ou pelo menos foi o que supus que ele estava a fazer. Não conseguia ver em volta da corpulência do corpo de Doyle, e este, tanto quanto eu sabia, não tinha olhos na parte posterior da cabeça, por isso também tinha de tentar adivinhar o que Rhys estava a fazer.

— Uma pistola de dupla acção não precisa de ser engatilhada para disparar, Rhys — disse Doyle, num tom calmo, até mesmo divertido. Contudo, não podia ver-lhe o rosto para poder confirmar se a sua expressão facial correspondia ao tom de voz; ambos ficámos estáticos na nossa posição de quase abraço.

— Eu sei — retorquiu Rhys —, foi um pouco melodramático, mas já sabes o que se costuma dizer: um som assustador vale mais do que mil ameaças.

Falei, com a boca ainda a tocar na pele quente do pescoço de Doyle.

— Não se costuma dizer nada disso. — Doyle não se movera e tive receio, tive receio de desencadear algo que não conseguiria parar. Não queria que houvesse acidentes esta noite.

— Mas devia-se dizer — disse Rhys.

A cama rangeu por trás de nós.

— Tenho uma arma apontada à tua cabeça, Doyle — era a voz de Nicca. Mas não soou calma, não, um evidente fio de ansiedade tecia-lhe as palavras. A voz de Rhys não transmitira qualquer medo, Nicca tinha o suficiente para os dois. Mas não precisei de ver Nicca para saber que a arma estava pronta e bem firme, com o dedo já no gatilho. Afinal de contas, Doyle treinara-o.

Senti o corpo de Doyle relaxar e ele ergueu o rosto apenas o suficiente para deixar de falar directamente para a minha pele.

— Talvez não fosse capaz de vos chacinar a todos, mas mataria a princesa antes de vocês me matarem a mim e, então, as vossas vidas deixariam de ter qualquer significado. A rainha magoar-vos-ia muito mais do que eu alguma vez faria por terem permitido que a herdeira dela fosse assassinada.

Agora conseguia ver-lhe o rosto. Até mesmo à luz da Lua tinha um ar descontraído, o olhar distante, já não estava a observar-me. Estava demasiado compenetrado na lição que estava a dar aos seus homens para se importar comigo.

Apoiei as costas contra a parede, mas ele não prestou atenção ao ligeiro movimento. Coloquei uma mão no centro do peito dele e empurrei. O gesto fê-lo endireitar-se, mas, na realidade, não havia espaço para onde pudesse ir, a não ser para cima da cama.

— Parem com isso, todos vocês! — disse eu, e fiz com que a minha voz trouxesse por todo o quarto. Ergui o olhar para Doyle. — Afasta-te de mim!

Ele fez uma pequena vénia usando apenas o pescoço, já que não havia espaço para algo mais formal, depois recuou, com as mãos afastadas do corpo para que os outros guardas vissem que estava desarmado. Acabou por ficar entre a cama e a parede, sem espaço de manobra. Rhys estava meio de costas, a apontar a arma com uma mão enquanto seguia o movimento de Doyle pelo quarto. Nicca estava no lado oposto da cama, a segurar na arma com ambas as mãos segundo a postura padrão de tiro. Continuavam a tratar Doyle como uma ameaça e eu já estava farta disso.

— Estou farta destas brincadeiras, Doyle. Ou confias nos teus homens para me protegerem ou não confias. Se não confias, arranja outros ou certifica-te de que tu ou o Frost estão sempre comigo. Mas pára com isto!

— Se eu fosse um dos seus inimigos, os seus guardas teriam estado a dormir durante o seu assassinato.

— Eu estava acordado — disse Rhys —, mas, muito sinceramente, pensei que finalmente tivesses caído em ti e fosses papá-la contra a parede. Doyle franziu-lhe o sobrolho.

— Só mesmo tu pensarias em algo tão rude.

— Doyle, se a queres, basta dizeres. Amanhã à noite pode ser a tua vez. Acho que todos nós nos afastaríamos por uma noite se decidisses pôr fim à tua... abstinência. — O luar atenuava as cicatrizes de Rhys como se fosse um penso branco transparente colocado no sítio onde deveria estar o seu olho direito.

— Guardem as armas! — mandei.

Eles olharam para Doyle em busca de consentimento. Eu berrei-lhes:

— Guardem as armas! A princesa aqui sou eu, a herdeira do trono. Ele é o capitão da minha guarda e quando vos mando fazer alguma coisa, vocês fazem-na. Pela Deusa, façam-no!

Mesmo assim voltaram a olhar para Doyle. Ele assentiu muito ligeiramente com a cabeça.

— Saiam! — disse eu — Vocês todos, saiam!

Doyle abanou a cabeça.

— Não acho que seja uma ideia muito sensata, princesa.

Normalmente tentava que todos me tratassem por Meredith, mas acabara de evocar o meu estatuto. Não podia retirar o que dissera logo a seguir.

— Então, as ordens que dou não têm importância nenhuma, é isso?

A expressão facial de Doyle era neutra, cuidadosa. Tanto Rhys como Nicca haviam guardado as armas, mas nenhum dos dois me olhava nos olhos.

— Princesa, tem de ter sempre pelo menos um de nós consigo. Os nossos inimigos são... persistentes.

— O príncipe Cel será executado se os aliados dele tentarem matar-me enquanto ele ainda está a ser castigado por causa da última vez que o tentou fazer. Temos seis meses de prorrogação.

Doyle abanou a cabeça.

Observei os três, todos atraentes, até mesmo bonitos, à sua maneira e, subitamente, senti vontade de ficar sozinha. Para pensar, para tentar perceber a que ordens é que eles estavam a obedecer: às minhas ou às da rainha Andais. Pensara que fosse às minhas, contudo, de repente já não estava tão certa disso.

Olhei para eles, para um de cada vez. O olhar de Rhys encontrou-se com o meu, mas Nicca continuava a evitar-me.

— Não vão acatar as minhas ordens, pois não?

— O nosso primeiro dever é mantê-la a salvo, princesa. Deixá-la feliz é apenas o segundo — respondeu Doyle.

— O que queres de mim, Doyle? Já te convidei para a minha cama e recusaste.

Ele abriu a boca e começou a falar, mas eu ergui uma mão.

— Não. Não quero ouvir mais nenhuma das tuas desculpas. Acreditei na primeira em que disseste que querias ser o meu último homem e não o primeiro, mas, segundo a tradição Sidhe, se um dos outros me fizer um filho, essa pessoa será o meu marido. Depois disso tornar-me-ei monógama. Nessa altura, terás perdido a tua oportunidade de quebrares um celibato forçado de centenas de anos. Não me deste um único motivo suficientemente bom para correres esse tipo de risco — cruzei os braços sobre a barriga, embalando os meus seios. — Diz-me a verdade, Doyle, ou então mantém-te fora do meu quarto.

Apesar de o seu rosto transmitir uma expressão praticamente neutra, também transparecia um laivo de fúria.

— Está bem, quer a verdade? Então olhe para a sua janela!

Franzi-lhe o sobrolho, mas virei-me para examinar a janela com os

seus leves cortinados constantemente agitados com delicadeza pela brisa. Encolhi os ombros, com os braços ainda bem cruzados.

— O que é que tem?

— É uma princesa dos Sidhe. Use algo mais além dos olhos para ver!

Respirei bem fundo, expirei muito lentamente e tentei não reagir ao tom exaltado da sua voz. Ficar zangada com Doyle nunca me levava a lugar algum. Eu era uma princesa, no entanto, isso não me conferia grande poder, nunca conferira.

Não precisei de evocar a minha magia, teria apenas de baixar as minhas defesas, as que usava para poder passar o dia sem ter de ver coisas místicas. Psíquicos humanos e até mesmo feiticeiros, normalmente, têm de se esforçar para verem a magia, outros seres, outras realidades. Eu fazia parte do mundo das Fadas, o que queria dizer que gastava enormes quantidades de energia para não ver a magia, para não me aperceber da correria de outros seres, outras realidades que pouco tinham que ver com o meu mundo, o meu objectivo. No entanto, a magia atrai a magia e com as minhas defesas em baixo poderia ter-me afogado na correria diária do sobrenatural que decorre à face da Terra todos os dias.

Baixei as minhas defesas e olhei com aquela parte do cérebro que vê visões e nos permite sonhar. Estranhamente, a diferença de percepção nem foi assim tão notória, mas, repentinamente, conseguia ver melhor no escuro e conseguia ver o poder cintilante das protecções aplicadas na janela, nas paredes. Foi então que, por entre todo aquele poder reluzente e através dos cortinados brancos, vi algo. Algo pequeno colado à janela. Quando afastei as cortinas para o lado não havia mais nada na janela além do ligeiro reflexo de cor das protecções. Olhei para um lado pelo canto do olho, usando a minha visão periférica, para observar o vidro. Ali estava: uma marca de uma pequena mão, mais pequena do que a palma da minha, estava impressa nas protecções da janela. Tentei examiná-la mais de perto e esta desapareceu de vista. Obriguei-me a olhar novamente de lado para ela, mas mais perto. A marca da mão apresentava garras e era humanóide, mas não humana.

Fechei o cortinado, deixando-o cair, e falei sem me virar:

— Alguma coisa forçou as protecções enquanto dormíamos.

— Sim — concordou Doyle.

— Não me apercebi de nada — afirmou Rhys.

Nicca disse:

— Eu também não.

Rhys suspirou.

— Não correspondemos às suas expectativas, princesa. O Doyle tem razão. Podíamos ter permitido que a assassinassem.

Virei-me e olhei para todos, depois fixei o olhar em Doyle.

— Quando é que pressentiste que as protecções estavam a ser postas à prova?

— Vim aqui para ver como a princesa estava.

Abanei a cabeça.

— Não, não foi isso que perguntei. Quando é que te apercebeste que algo tinha posto as protecções à prova?

De forma audaciosa, olhou-me directamente nos olhos.

— Já lhe disse, princesa, que só eu posso mantê-la a salvo.

Voltei a abanar a cabeça.

— Não adianta, Doyle. Os Sidhe nunca mentem, não directamente, e tu já evitaste responder à minha pergunta por duas vezes. Responde-me já! Pela terceira vez, quando é que pressentiste que algo tinha forçado as protecções?

Ele parecia muito desconfortável, meio furioso.

— Quando estava a sussurrar-lhe ao ouvido.

— Viste-a através das cortinas — disse eu.

— Sim — uma palavra clara, irritada.

Rhys disse:

— Não sabias que alguma coisa tentou entrar. Só entraste no quarto porque ouviste a Merry a andar de um lado para o outro.

Doyle não respondeu, mas não precisou de o fazer. O silêncio foi resposta suficiente.

— Estas protecções são obra minha, Doyle. Ergui-as quando me mudei para este apartamento e reconstruo-as periodicamente. Foi a minha magia, o meu poder que impediu esta coisa de entrar. Foi o meu poder que o queimou, permitindo que tenhamos as... impressões digitais.

— As suas protecções aguentaram, porque foi um poder fraco — retorquiu Doyle. — Qualquer coisa grande seria capaz de penetrar todas as protecções que erguesse.

— Talvez, mas o que interessa é que não sabias mais do que nenhum de nós. Sabias tanto quanto nós.

— Não és infalível — disse Rhys. — Que bom sabê-lo.

— Ai é? — disse Doyle. — Tens a certeza? Então pensa lá nisto: hoje à noite nenhum de nós soube que uma criatura qualquer do mundo das Fadas trepou até esta janela e tentou entrar. Nenhum de nós o pressentiu. Pode ter sido um poder fraco, mas teve uma grande ajuda para ocultar isto completamente.

Fitei-o.

— Tu crês que a gente do Cel arriscou a vida dele hoje à noite para me tentar matar novamente.

— Princesa, ainda não percebeu como funciona a corte Unseelie? O

Cel era o querido da rainha, o único herdeiro dela durante séculos. Ele deixou de estar nas boas graças dela assim que ela a nomeou co-herdeira. O primeiro de vocês a ter um filho governará a corte, mas o que acontecerá se ambos morrerem? O que acontecerá se for assassinada pelos aliados do Cel e a rainha tiver de executar o Cel pela traição dele? Ela vai ficar sem herdeiro repentinamente.

— A rainha é imortal — disse Rhys. — Ela concordou em renunciar ao trono apenas em favor da Merry ou do Cel.

— E se alguém for capaz de conspirar para conseguir a morte tanto do príncipe Cel como da princesa Meredith, acham mesmo que vão parar com a morte de uma rainha?

Todos olhámos para ele. Foi Nicca quem falou, com um tom de voz suave.

— Ninguém se arriscaria a levar com a fúria da rainha.

— Arriscariam se achassem que não seriam apanhados — retorquiu Doyle.

— Quem seria tão arrogante? — perguntou Rhys.

Doyle riu-se, com uma gargalhada tão estrondosa que nos assustou a todos.

— Quem seria suficientemente arrogante? Rhys, tu és um nobre das cortes Sidhe. A pergunta correcta seria quem não seria arrogante o suficiente!

— Diz o que quiseres, Doyle — disse Nicca —, a maioria dos membros da nobreza teme a rainha, teme-a mesmo muito. Sentem muito mais medo dela do que do Cel. És o herói dela há eternidades. Não fazes ideia do que é estar à mercê dela.

— Eu sei — disse eu. Viraram-se todos para mim. — Concordo com o Nicca. Não conheço mais ninguém, além do Cel, capaz de enfrentar a ira da mãe dele.

— Nós somos imortais, princesa. Podemos dar-nos ao luxo de esperar pelo momento certo. Sabe-se lá que víbora manhosa tem estado à espera durante séculos até a rainha ficar mais fraca. Se ela for obrigada a matar o seu único filho, ficará fraca.

— Eu não sou imortal, Doyle, por isso não posso manifestar-me quanto a esse tipo de paciência ou estratégia. Aquilo de que temos certeza absoluta é que alguma coisa tentou penetrar as protecções hoje à noite e que agora terá a mão, ou pata, ou seja lá o que for, queimada ou marcada. Podemos descobrir uma correspondência exactamente como se faz com as impressões digitais.

— Já vi protecções construídas com a intenção de ferir quem tentar destruí-las, ou até mesmo de marcar o intruso com uma cicatriz ou uma

queimadura, mas nunca vi ninguém colher impressões com elas — disse Rhys.

— Foi inteligente — afirmou Doyle. O que, vindo dele, era um grande elogio.

— Obrigada. — Franzi-lhe o sobrolho. — Se nunca tinhas visto ninguém fazer isto com uma protecção, como é que sabias o que estavas a ver através dos cortinados?

— O Rhys disse que nunca tinha visto nada assim. Não fui eu que disse isso.

— Eu sou um assassino, um caçador, princesa. Haver rastos é sempre bom.

— A marca da mão dele corresponderá com isto, mas ele não deixará qualquer rasto à medida que se desloca.

Doyle encolheu os ombros ligeiramente.

— É uma pena, teria sido útil.

— És capaz de fazer com que uma criatura do mundo das Fadas deixe pistas mágicas? — perguntei.

— Sou.

— Mas eles vê-las-iam com a sua própria magia e desfariam o feitiço. Ele encolheu os ombros.

— Sempre achei que o mundo não era grande o suficiente para esconder as presas cujo rasto seguia.

— És sempre tão... perfeito — disse eu.

O olhar dele viajou para além de mim, em direcção à janela.

— Não, minha princesa, receio não ser perfeito e os nossos inimigos, sejam eles quem forem, agora sabem-no.

A brisa tornara-se vento, fazendo ondear as cortinas brancas. Conseguia ver a pequena marca com garras congelada na magia cintilante. Estava a metade de um continente de distância da fortaleza feérica mais próxima. Pensara que Los Angeles era longe o suficiente para nos manter a salvo, no entanto, acho que, se alguém quiser realmente ver-nos mortos, pode apanhar um avião ou alguma coisa com asas. Após anos no exílio, finalmente tinha comigo uma pequena fatia do meu lar. Do meu lar que nunca deixara de ser o mesmo. Sempre fora encantador, erótico e muito, muito, muito perigoso.





## CAPÍTULO 2

As janelas do meu escritório exibiam um céu praticamente imaculado, como se alguém tivesse pegado numa única pétala de centáurea azul e a tivesse esticado de modo a preencher o ar sobre nós. Era um dos céus mais perfeitos que alguma vez vira sobre Los Angeles. Os edifícios da baixa da cidade reluziam sob a luz do Sol. Hoje era um daqueles dias raros que permitiam que as pessoas fingissem que Los Angeles vivia num Verão eterno, em que o Sol brilha ininterruptamente, a água é sempre azul e quente e toda a gente é bonita e sorridente. A verdade é que nem toda a gente é bonita, há quem seja francamente mal-humorado (Los Angeles continua a ter uma das taxas mais elevadas de homicídios do país, o que, se pensarmos bem, realmente é de deixar qualquer um de mau humor), o oceano é mais cinzento do que azul e a água está sempre gelada. As únicas pessoas que entram nas águas da Califórnia do Sul sem um fato isotérmico em Dezembro são turistas. Ocasionalmente, chegamos mesmo a ter chuva e o nevoeiro é pior do que qualquer céu nublado que alguma vez vi. Na verdade, este era o dia mais bonito, mais verdadeiramente estival que vira em três anos. Para o mito sobreviver deve acontecer mais vezes do que isso. Ou talvez as pessoas apenas necessitem de acreditar num lugar mágico, e a Califórnia do Sul parece ser esse sítio para algumas pessoas. É a mais fácil de lá chegar e é menos perigosa do que o mundo das Fadas, penso eu.

Eu detestava profundamente ter de desperdiçar um dia tão bonito dentro de casa. Quer dizer, eu era uma princesa, isso não queria dizer que não tinha de trabalhar? Não senhora. Mas eu era uma princesa feérica, isso não significava que me bastava desejar ouro e este apareceria como que por magia? Quem me dera. O título, tal como tantos outros títulos reais, oferecia muito pouco no que dizia respeito a dinheiro, propriedade ou poder. Se eu realmente me tornasse rainha, isso mudaria, até lá estava por conta própria. Quer dizer, não era bem por conta própria.

Enquanto me sentava na minha secretária, Doyle sentou-se numa cadeira à janela quase exactamente por trás de mim. Estava vestido como na noite anterior, mas acrescentara à sua indumentária um casaco preto de cabedal, por cima da *T-shirt*, e uns óculos de sol pretos que lhe ocultavam o olhar por todos os ângulos. A forte luz do Sol reluzia em todas aquelas argolas de prata e fazia com que os diamantes nos seus lóbulos das orelhas dançassem literalmente, emitindo arco-íris minúsculos ao longo da minha secretária. A maior parte dos guarda-costas ter-se-ia preocupado mais com a porta do que com as janelas. Afinal de contas estávamos no vigésimo terceiro andar. No entanto, havia a probabilidade de as coisas de que Doyle me protegia poderem voar tal como andavam. A criatura que deixara a minúscula impressão da sua pata na minha janela ou tinha trepado como uma aranha, ou tinha voado.

Eu estava sentada na minha secretária, com o calor da luz solar contra as minhas costas; um dos arcos-íris do diamante de Doyle repousava sobre os meus dedos entrelaçados, realçando o verde do verniz das minhas unhas. O verniz condizia com o meu casaco e com a saia curta escondida por baixo da secretária. A luz do Sol e o tecido verde-esmeralda destacavam o tom vermelho do meu cabelo de tal modo que parecia feito de rubis. A cor também realçava o verde e dourado das minhas íris tricolores. E eu optara por uma maquilhagem que desse ainda mais ênfase ao verde e ao dourado. O batom era vermelho. Toda eu era cor e luz jubilosa. Uma das coisas boas de não ter de fazer de conta que era humana era não ter de ocultar o cabelo, os olhos, a pele luminosa.

Estava tão cansada que me ardiam os olhos e ainda não fazíamos ideia de quem, ou o quê, tinha estado na minha janela na noite passada. Por isso, arranjei-me toda para ir para o escritório: coloquei só um pouco mais de maquilhagem, um pouco mais de brilho. Se morresse hoje, pelo menos teria bom aspecto. Também acrescentara um pequeno punhal de dez centímetros. Estava preso na parte superior da minha coxa, por isso o punho de metal tocava-me na pele. O mero contacto com aço ou ferro tornariam muito mais difícil a qualquer ser feérico praticar magia contra mim. Depois da noite anterior, Doyle achou que seria mais sensato que o usasse e eu não discuti.

Tinha as pernas educadamente cruzadas, não por causa do cliente sentado à minha frente, mas porque estava um homem debaixo da minha secretária, escondido na gruta que esta criava. Bem, não era homem, era um Duende. A pele dele era branca como o luar, tão pálida quanto a minha ou a de Rhys, ou a de Frost, já agora. O cabelo preto espesso, ligeiramente encaracolado e com um corte curto, apresentava a mesma negritude perfeita do cabelo de Doyle. Tinha apenas 1,22 m de altura, um autêntico

bonequinho, isto sem contar com a linha de escamas iridescentes, que lhe percorria as costas, e os enormes olhos amendoados de um azul tão perfeito quanto o céu diurno, mas com umas pupilas listradas e elípticas como as de uma serpente. No interior da sua boca perfeita, tinha presas retrácteis e uma longa língua bifurcada que o fazia cecear se não se concentrasse. Kitto não se tinha adaptado à cidade. Ele parecia sentir-se melhor quando podia tocar-me, aninhar-se aos meus pés, sentar-se ao meu colo, enroscar-se contra mim enquanto eu dormia. Ele fora banido do meu quarto na noite passada, porque Rhys não o suportava. Os Duendes haviam arrancado o olho a Rhys há algumas centenas de anos e ele jamais lhes perdoara por isso. Rhys tolerava que Kitto estivesse no exterior do quarto, mas mais perto do que isso não.

Rhys estava de pé no canto oposto a nós, perto da porta, onde Doyle lhe ordenara que ficasse. A sua roupa estava praticamente toda escondida sob uma gabardina branca cara, tal como a que Humphrey Bogart costumava usar, a única diferença é que esta era de seda e servia mais para se exibir do que propriamente para se proteger do clima. Rhys adorava o facto de sermos detectives privados e normalmente usava a gabardina ou um dos chapéus de veludo estilo *fedora* da sua crescente colecção para ir trabalhar. Acrescentara a pala do olho que usava de dia. Esta era branca, para condizer com a roupa e o cabelo, e tinha um padrão composto por minúsculas pérolas cosidas.

Kitto passou a mão suavemente sobre o meu tornozelo. Não estava a tentar ser excessivamente simpático, apenas precisava do reconforto de me tocar. O meu primeiro cliente do dia estava sentado no lado oposto ao meu, ao nosso. Jeffery Maison tinha perto de 1,83 m, ombros largos, cintura estreita, roupa de marca, mãos de dedos grosseiros e unhas bem cuidadas e cabelo penteado na perfeição. O sorriso dele apresentava a brancura perfeita que somente um tratamento dentário dispendioso pode proporcionar. Era atraente, mas de uma forma apagada, pouco interessante. Se tinha gastado dinheiro em cirurgias plásticas, tinha-o desperdiçado, porque tinha o tipo de rosto que se considera atraente mas do qual nunca nos recordaríamos mais tarde. Dois minutos depois de ele sair da sala ter-se-ia muita dificuldade em lembrar de qualquer característica dele. Se estivesse a usar roupa mais barata, teria pensado que era um aspirante a actor, todavia, os aspirantes não tinham dinheiro para fatos de alta-costura.

O sorriso perfeito nunca esmoreceu, contudo, o seu olhar bruxuleava para trás de mim e os seus olhos não sorriam, estavam preocupados. O seu olhar saltitava continuamente para Doyle e pareceu estar a fazer um enorme esforço para não olhar para trás de si, para Rhys. Jeffery Maison estava muito descontente com o facto de os dois guardas estarem na sala. Não

dava somente aquela sensação que a maioria dos homens tinha perante os meus guardas, a sensação de se perder inevitavelmente numa luta, caso se chegasse a esse ponto. Não, o senhor Maison referia-se à privacidade, afinal de contas eu era uma detective privada, não pública. Estava tão insatisfeito que chegava a ser tentador pedir a Kitto para que saltasse de debaixo da secretária e gritasse «Bu!». Não o fiz. Não teria sido profissional. Todavia, diverti-me apenas com a ideia, enquanto tentava que Jeffery Maison desistisse de implicar com os guardas e referisse alguma coisa que estivesse realmente relacionada com o trabalho.

Só quando Doyle lhe dissera anteriormente, com o seu tom de voz profundamente ondeado, que a entrevista seria feita ou com todos nós ou com ninguém é que ele acalmara. Aliás, ficara demasiado calmo: sentara-se e sorrira, mas não me contara nada.

Ah, ele falara.

— Nunca vi ninguém cuja verdadeira cor de cabelo fosse escarlate das fadas. É como se o seu cabelo fosse feito de rubis.

Eu sorrira, acenara afirmativamente com a cabeça e tentara ir directa ao assunto.

— Obrigada, senhor Maison, mas o que o traz à Agência de Detectives Grey?

Abriu aquela boca perfeitamente detalhada e tentou uma última vez.

— Recebi instruções para falar consigo em privado, senhora NicEssus.

— Prefiro senhora Gentry. NicEssus significa filha de Essus. É mais um título do que propriamente um nome.

No seu rosto, via-se um sorriso nervoso, e os olhos aparentavam uma depreciação de si próprio, valha-me nossa senhora! Dava a impressão que era um olhar que ele treinava frente ao espelho.

— Perdão, não estou habituado a lidar com princesas feéricas. — Dirigiu-me um sorriso repentino de orelha a orelha, o tipo de sorriso que lhe preenchia o olhar com bom e puro humor, e algo mais, algo que eu podia tentar adivinhar ou simplesmente ignorar. Aquele olhar foi o suficiente. Tive a certeza absoluta de como Jeffery pagava os fatos de alta-costura.

— As princesas são bastante raras hoje em dia — disse eu, sorrindo, tentando ser agradável. Contudo, a verdade é que não dormira muito e estava cansada. Se, pelo menos, conseguíssemos fazer com que Jeffery se fosse embora, podíamos fazer uma pausa para um café.

— O verde do seu casaco realça o verde e o dourado dos seus olhos. Nunca tinha visto ninguém com íris tricolores — disse ele, e o seu sorriso aumentou.

Rhys riu-se lá no seu canto, sem sequer se preocupar em disfarçar o riso com uma tosse. Rhys era tão versado em sobreviver na corte quanto eu.

— Tenho íris tricolores, mas ainda não me disse o quão bonita sou. — Rhys tinha razão: chegara a altura de deixar de ser simpática.

— Não sabia que era suposto fazê-lo — pareceu baralhado. Finalmente um olhar genuíno e espontâneo.

Descruzei as pernas e inclinei-me para a frente, de mãos juntas sobre a minha secretária. A mão de Kitto deslizou pela barriga da minha perna, parando, porém, no meu joelho. Havíamos tido uma conversa acerca dos limites se ele se escondesse por baixo da minha secretária, e os limites eram os meus joelhos. Se subisse para além desse ponto e teria de ir para casa.

— Senhor Maison, nós atrasámos o nosso dia e tivemos de remarcar uma série de compromissos para o atender. Temos sido educados e profissionais e elogiar a minha beleza não é educado nem profissional.

Ele pareceu indeciso, mas, provavelmente, este era o momento em que os seus olhos transpareciam mais sinceridade desde que entrara por aquela porta.

— Pensei que elogiar os seres feéricos pela sua aparência era considerado como boa educação. Disseram-me que ignorar um ser feérico, quando este está obviamente a tentar ser atraente, era um insulto fatal.

Fitei-o. Finalmente, fizera algo deveras interessante.

— A maioria das pessoas não sabe assim tanto acerca da cultura feérica, senhor Maison. Como é que o senhor sabe?

— A minha entidade patronal quis certificar-se de que eu não cometera nenhuma ofensa. Também era suposto elogiar os homens? Ela não me disse que o deveria fazer.

Ela. Fiquei a saber que ele trabalhava para uma «ela». Foi a única informação que obtive dele durante todo o tempo que ele estivera sentado à minha frente.

— Quem é ela? — perguntei.

Ele olhou para Rhys, para mim, os olhos saltitaram para Doyle e, finalmente, de novo para mim.

Tenho ordens explícitas para falar apenas consigo, senhora Gentry. Eu... eu não sei o que fazer.

Bem, foi sincero. Senti um pouco de pena dele, era óbvio que Jeffery não era capaz de tomar decisões naquele mesmo instante. E isso era ser-se caridosa.

— Porque não liga à sua chefe? — perguntou Doyle. Jeffery deu um pulo ao ouvir aquela voz profunda e forte. Eu não saltei, eu estremeci. A voz dele soou tremulamente baixo, um som que fez as minhas entranhas tremer. Suspirei baixinho enquanto Doyle dizia:

— Conte à sua chefe o que se passou e talvez ela arranje uma solução. Rhys voltou a rir-se. Doyle dirigiu-lhe um olhar em nada amistoso e

Rhys parou de rir. Apesar de ter tido de tapar a cara com a mão e tossir. Eu não quis saber. Tive a impressão de que, se trocássemos de Jeffery, passaríamos aqui todo o maldito dia.

Virei o telefone da secretária de frente para ele. Marquei o código para ligar para uma linha exterior e dei-lhe o auscultador.

— Ligue à sua patroa, Jeffery! Todos queremos ir às nossas vidas, não queremos? — Usara o nome dele deliberadamente. Há pessoas que reagem perante o respeito de títulos, senhor e senhora, mas há outras que precisam de se sentir intimidadas para que façam alguma coisa, e uma forma de as intimidar é usando o seu nome próprio.

Ele pegou no auscultador e pressionou os botões. Disse:

— Olá, Marie! Sim, preciso de falar com ela — alguns segundos de silêncio, depois sentou-se um pouco mais direito e disse — Estou sentado à frente dela neste preciso momento. Ela tem aqui dois guarda-costas e eles recusam-se a sair. Falo à frente deles ou vou embora?

Todos esperámos enquanto ele emitia pequenos sons como «hum», «sim», «não»... Finalmente, desligou o telefone. Recostou-se na cadeira com as mãos entrelaçadas sobre o seu colo e um olhar ligeiramente preocupado no seu rosto atraente.

— A minha chefe disse que posso transmitir-lhe o pedido dela, mas não posso dizer o nome dela, pelo menos não para já.

Ergui as sobrancelhas e coloquei uma expressão prestável no rosto.

— Diga-nos!

Voltou a dar uma longa e nervosa olhadela a Doyle e depois expirou demoradamente.

— A minha chefe está numa situação bastante delicada. Ela quer falar consigo, mas disse que os seus... — franziu o sobrolho, à procura da palavra certa. Pareceu-me que poderia demorar algum tempo, portanto, ajudei-o.

— Os meus guardas.

Ele sorriu, obviamente aliviado.

— Sim, sim, os seus guardas ficariam a saber mais cedo ou mais tarde, por isso terá de ser mais cedo — pareceu excessivamente satisfeito consigo próprio por ter dito aquela frase insignificante. Não, pensar não era o ponto forte de Jeffery.

— Porque é que ela simplesmente não vem ao meu escritório falar connosco?

O sorriso alegre desvaneceu e ele voltou a ficar com um ar desorientado. Confundir Jeffery abrandava tudo, eu queria despachar aquilo. O problema é que ele ficava baralhado com tanta facilidade que não conseguia pensar numa forma de o evitar.

— A minha chefe receia toda a publicidade que a rodeia, senhora Gentry.

Não precisava perguntar-lhe o que ele queria dizer com aquilo. Naquele preciso momento, uma multidão de jornalistas, tanto de jornais e revistas como da televisão, estava acampada em frente ao edifício do escritório. No apartamento, mantínhamos os cortinados fechados com medo das teleobjectivas.

Como é que os meios de comunicação conseguiriam resistir ao regresso a casa de uma filha pródiga real depois de ter sido dada como morta? Só isso já teria merecido alguns olhares curiosos e atentos, contudo, agora adicionem-lhe uma enorme dose de romance e os média não se fartavam de mim, ou, melhor dizendo, de nós! A história pública era que eu deixara de me esconder para arranjar um marido da corte real. A forma tradicional para um membro da realeza encontrar um cônjuge era dormindo com eles. Depois, se ela engravidasse, casaria; se não, não casava. Os seres feéricos não têm muitas crianças, os membros da realeza têm ainda menos, por isso, a junção de duas pessoas, ou até mesmo um casal amoroso, que não gera crianças não é suficientemente bom. Se não se reproduz, não se casa.

Andais governara a corte Unseelie para lá de centenas de anos. Uma vez o meu pai disse que, para ela, ser rainha tinha mais importância do que qualquer outra coisa no mundo. Todavia, ela prometera renunciar ao trono se eu ou Cel gerássemos um herdeiro. Como já referi, as crianças são muito importantes para os Sidhe.

Essa era a versão pública. O que ocultava muita coisa, como o facto de Cel ter tentado matar-me e que ainda agora estava a ser castigado por isso. Havia muita coisa de que os meios de comunicação não tinham conhecimento e a rainha queria que permanecesse assim, portanto mantivemo-lo desse modo.

A minha tia disse-me que queria um herdeiro sangue do seu sangue, mesmo que esse sangue fosse impuro como o meu. Ela tentara afogar-me uma vez, quando eu era criança, porque eu não era mágica o suficiente e por isso, para ela, eu não era verdadeiramente Sidhe, apesar de também não ser autenticamente humana. Era bom manter a minha tia feliz, estando ela feliz morria menos gente.

— Compreendo que a sua chefe não queira ser apanhada no meio daquele circo de jornalistas acampado lá fora — disse eu.

Jeffery voltou a dirigir-me aquele sorriso fantástico, mas os seus olhos demonstravam alívio e não um ar libidinoso.

— Então concorda em encontrar-se com a minha chefe num outro local mais privado.

— A princesa não vai encontrar-se sozinha com a sua chefe em lado nenhum — disse Doyle.

Jeffery abanou a cabeça.

— Não, já percebi isso. A minha chefe pretende simplesmente evitar os meios de comunicação.

— Sem podermos usar feitiços contra os média, porque são ilegais — disse eu —, não estou a ver como poderemos evitá-los a todos.

Jeffery voltara a franzir o sobrolho. Eu suspirei. Nesta altura, só queria que Jeffery se fosse embora. De certeza que o cliente seguinte seria menos confuso, com a gracinha do senhor. O meu patrão Jeremy Grey tinha um fundo não reembolsável. Tínhamos tanto trabalho que nem sabíamos o que fazer com ele. Talvez eu pudesse, simplesmente, mandar Jeffery para casa.

— Não estou autorizado a dizer o nome da minha chefe em voz alta. Ela disse que isso significaria algo para si.

Encolhi os ombros.

— Peço desculpa, senhor Maison, mas não significa.

O seu semblante carregado agravou-se.

— Ela tinha a certeza absoluta de que significaria.

Abanei a cabeça.

— Lamento, senhor Maison — levantei-me. A mão de Kitto deslizou pela minha perna abaixo de modo que se pudesse esconder completamente na pequena caverna que a minha secretária criava. Ao contrário dos mitos, ele não derretia com a luz do Sol, mas era agoráfobo.

— Por favor — disse Jeffery — por favor, tenho a certeza que é por eu não estar a dizê-lo da forma correcta.

Cruzei os braços abaixo do peito e não voltei a sentar-me.

— Lamento, senhor Maison, mas todos tivemos uma longa manhã, demasiado longa para estarmos aqui a brincar às adivinhas. Ou nos diz algo em concreto em relação ao problema da sua chefe, ou então procure outra empresa de detectives privados.

Ele estendeu a mão, quase tocando na secretária, seguidamente deixou cair a mão sobre o seu colo de alta-costura.

— A minha chefe deseja voltar a ver pessoas da espécie dela. — Ele fitou-me como se esperasse desesperadamente que eu, finalmente, percebesse.

Dirigi-lhe um olhar fulminante.

— O que quer dizer com pessoas da espécie dela?

Ele franziu o sobrolho, sentindo-se claramente como peixe fora de água, mas a tentar com persistência.

— A minha chefe não é humana, senhora Gentry, ela é... está bastante ciente do que a corte real feérica é capaz. — O tom de voz dele soava de um



modo calmo, mas quase em sua própria defesa, como se me tivesse dado a maior pista que lhe era permitido dar e esperasse que eu tivesse percebido.

Felizmente, ou infelizmente, eu já o entendera. Havia outros seres feéricos em Los Angeles. No entanto, sem contar comigo e com os meus guardas, havia apenas um membro da corte real: Maeve Reed, a deusa dourada de Hollywood e, já que ela era imortal e jamais envelheceria, certamente continuará a sê-lo daqui a cem anos.

Outrora fora a deusa Conchenn, até que o rei Taranis, o rei da Luz e da Ilusão, a banira da corte Seelie, a banira do mundo das Fadas e proibira todos os seres feéricos de voltarem a falar para ela desde então. Ela devia ser evitada, referida como se tivesse morrido. O rei Taranis era o meu tio-avô e, teoricamente, eu estava em quinto lugar na linha de sucessão ao seu trono. Na verdade, eu não era bem-vinda entre o povo cintilante. Ainda com uma tenra idade deixaram bem claro que a minha linhagem era um pouco inferior à ideal e que nenhuma quantidade de sangue real Seelie poderia vencer o facto de ser metade Unseelie.

Então que assim seja. Agora tinha uma corte à qual podia chamar casa. Já não precisava deles. Quando era mais nova, houve um tempo em que isso tinha sido importante para mim, todavia, tivera de atirar essa dor específica para trás das costas há alguns anos. A minha mãe fazia parte da corte Seelie e abandonara-me na corte Unseelie para poder seguir as suas ambições políticas. Eu não tinha mãe.

Não me interpretem mal, a rainha Andais também não gostava muito de mim. Ainda agora não tinha a certeza absoluta do porquê de ela me ter escolhido para sua herdeira. Talvez estivesse apenas a ficar sem parentes do mesmo sangue que ela. Há uma tendência para que isso aconteça, caso alguns deles morram.

Abri a boca para proferir o nome de Maeve Reed, mas impedi-me a mim própria. A minha tia era a rainha do Ar e da Escuridão, tudo o que fosse dito à noite eventualmente acabaria por lhe chegar aos ouvidos. Não achei que o rei Taranis tivesse um poder equiparável, mas não estava cem por cento certa disso. O melhor era prevenir. A rainha não queria saber de Maeve Reed, contudo, interessava-lhe imenso ter coisas com que negociar ou ter contra o rei Taranis. Ninguém sabia porque é que Maeve fora exilada, mas para Taranis era algo pessoal. O facto de ele saber que Maeve havia feito algo proibido podia ter algum valor. Ela tinha contactado um membro das cortes. Existe uma regra silenciosa que dita que, caso uma corte expulsa alguém do mundo das Fadas, a outra corte deve respeitar esse castigo. Eu devia ter mandado Jeffery Maison a correr de volta para Maeve Reed. Devia ter dito não. Mas não o fiz. Uma vez, quando era mais nova, perguntei a um dos nobres qual seria o destino de Conchenn. Taranis ouviu a pergunta

por acaso. Ele espancou-me até bem perto da morte; bateu-me como se faz a alguém que se mete no nosso caminho. E aquela multidão tão bela e cintilante permaneceu ali a vê-lo e ninguém, nem sequer a minha mãe, tentou ajudar-me. Concordei encontrar-me com Maeve Reed mais tarde nesse dia, porque, pela primeira vez, tinha poder suficiente para desafiar Taranis. Fazer-me algum mal agora significaria o início de uma guerra entre as cortes. Taranis até podia ser um egocêntrico, no entanto, nem mesmo o seu orgulho valeria a pena causar uma guerra.

É claro que, conhecendo eu a minha tia como conhecia, poderia não ser bem uma guerra, no início. Eu estava sob a protecção da rainha, o que queria dizer que se alguém me causasse algum mal, teria de responder pessoalmente a ela. Taranis talvez preferisse uma guerra a ter de lidar com a vingança pessoal da rainha. Afinal de contas, ele continuaria a ser o rei durante a guerra e os reis raramente estão na linha da frente. Se ele irritasse a rainha Andais o suficiente, o próprio Taranis seria a linha da frente, e completamente sozinho. Eu estava a tentar manter-me viva e não é por nada que se diz que o conhecimento é poder.



## CAPÍTULO 3

Já estava à espera que os dois guardas discutissem comigo assim que a porta se fechasse por trás de Jeffery Maison. Quase que acertava.

— Longe de mim interrogar a princesa — disse Rhys —, mas e se o rei ficar contra ti por pões um fim ao exílio da Maeve Reed?

Estremeci perante a menção do nome dela em voz alta.

— O rei tem a capacidade de ouvir tudo o que se diz durante o dia do mesmo modo que a rainha consegue depois de anoitecer?

Rhys olhou-me com um ar confuso.

— Eu... não sei.

— Então, é melhor não o ajudarmos a descobrir o que estamos para aqui a fazer, ao dizermos o nome dela em voz alta.

— Nunca ouvi dizer que Taranis tivesse tal poder — disse Doyle.

Virei-me na minha cadeira para olhar para ele.

— Bem, esperemos que não, porque acabaste de dizer o nome dele alto e bom som.

— Há milénios que conspiro contra o rei da Luz e da Ilusão, princesa, e grande parte dessa conspiração foi feita em plena luz do dia. Muitos dos nossos aliados humanos têm-se recusado terminantemente em se encontrar com os Unseelie depois do anoitecer. Eles pareciam acreditar que o facto de concordarmos em nos encontrarmos de dia era um sinal de que confiávamos neles e que podiam confiar em nós. Nunca me pareceu que o Taranis soubesse o que andávamos a fazer, fosse de dia ou de noite — afirmou Doyle, com a cabeça de lado e emitindo arcos-íris, que bailavam por toda a sala, a partir dos diamantes nas suas orelhas. — Creio que ele não possui o dom da nossa rainha. A Andais pode ouvir tudo o que é dito no escuro, mas acredito que o rei é tão surdo quanto qualquer humano.

Se fosse outra pessoa, ter-lhe-ia perguntado se tinha a certeza, con-

tudo, Doyle nunca se manifestava caso não tivesse a certeza. Quando não sabia alguma coisa, admitia-o. Ele não tinha a mania.

— Então o rei não é capaz de nos ouvir a quilómetros de distância — disse Rhys. — Está bem, mas por favor, digam à Merry que isto é uma péssima ideia!

— O que é que é má ideia? — perguntou Doyle.

— Ajudar a Maeve... — Rhys olhou para mim de relance e, depois, terminou dizendo — ... a actriz.

Doyle franziu o sobrolho.

— Não me lembro de ninguém, que tenha sido banido de qualquer uma das cortes, com esse nome.

Virei-me na minha cadeira e fixei o olhar nele. Com a luz solar a bater-lhe no rosto, este tornava-se escuro e ilegível. Os óculos ocultavam grande parte da sua expressão facial, mas eu apostava em como, com ou sem óculos, ele teria parecido baralhado.

Ouvi o murmúrio do casaco de seda de Rhys à medida que ele atravessava a sala na nossa direcção. Vislumbrei-o. Ele fez-me sinal erguendo as sobrancelhas e ambos olhámos para Doyle.

— Não sabes quem ela é, pois não? — perguntei.

— O nome que disse, Maeve qualquer coisa, deveria reconhecê-lo?

— Já há mais de cinquenta anos que ela é a rainha de Hollywood — respondeu Rhys.

Doyle limitou-se a olhar para nós.

— Pessoas dessa Hollywood têm abordado a rainha e a corte ao longo dos anos para lá irem e fazerem filmes, ou para obter autorização para rodar filmes sobre as suas vidas.

— Alguma vez viste um filme? — perguntei.

— Tenho visto no seu apartamento — respondeu ele.

Olhei de relance para Rhys.

— Temos de os levar a todos ao cinema.

Rhys encostou-se à minha secretária quase como se sentasse nela.

— Fazia-nos bem a todos sair uma noite destas.

Kitto puxou a bainha da minha saia curta e eu afastei a cadeira para poder olhar para baixo, para o rosto dele. Uma tira de sol bateu-lhe directamente nas faces. Por um breve momento, a luz preencheu os seus olhos amendoados, tornando o sólido azul-safira mais claro, como se fossem água e eu pudesse ver bem, bem lá nas brilhantes profundezas azuis, num sítio onde a luz branca dançava. Ele fechou os olhos, piscando-os por causa da claridade. Enterrou a cara na minha coxa e envolveu a barriga da minha perna com uma pequena mão. Falou sem olhar para cima.

— Não quero ir ao ccc...cinema! — estava a arrastar profundamente a

pronúncia dos cês, o que significava que ele se sentia perturbado. Kitto fazia um esforço enorme para falar normalmente. É algo que não é fácil quando se tem uma língua bifurcada.

Afaguei-lhe a cabeça. Os seus caracóis pretos eram tão macios, exactamente como os cabelos dos Sidhe, e não da aspereza típica do cabelo dos Duendes.

— No cinema está escuro — disse eu, enquanto lhe acariciava o cabelo. — Podias enroscar-te lá no chão, ao meu lado e nem tens de olhar para a tela.

Ele esfregou a cabeça contra a minha coxa, como se fosse um gato gigante.

— A sério? — perguntou ele.

— A sério — respondi.

— Vais gostar — disse Rhys. — Lá está escuro e o chão, por vezes, está tão sujo que até nos parece pegajoso ao caminhar.

— Assim vou ficar com a roupa sssuja — disse Kitto.

— Nunca pensei que um Duende se preocupasse em se manter limpo. O covil dos Duendes está sempre repleto de ossos e carne podre.

— Ele só é meio Duende, Rhys — disse eu.

— Pois, o pai dele violou uma das nossas mulheres. — Ele tinha o olhar fixo em Kitto, apesar de talvez só lhe poder ver uma mão ou um braço pálidos.

— A mãe dele era Seelie, não era Unseelie — disse eu.

— Que diferença é que isso faz? O pai dele aproveitou-se de uma mulher Sidhe. — A sua voz envergava ardor suficiente para escaldar qualquer um.

— E quantos dos nossos guerreiros Sidhe se satisfizeram com mulheres indesejadas, incluindo Duendes, durante as guerras? — questionou Doyle.

Olhei de relance para Doyle e não consegui ver nada através dos óculos escuros. Olhei rapidamente para Rhys e reparei em como as suas bochechas ficavam ligeiramente coradas. Ele fitou Doyle.

— Nunca toquei numa mulher que não tivesse demonstrado interesse nos meus afectos.

— Claro que não, és um membro da Guarda da rainha, dos Ravens, e o castigo para qualquer Raven por tocar noutra mulher que não a própria rainha é a morte após tortura. Mas e então os outros guerreiros que não são membros da Guarda pessoal da rainha?

Rhys desviou o olhar, ficando cada vez mais corado, atingindo um tom profundamente vermelho.

— Isso, vira a cara, tal como todos nós o tivemos de fazer durante séculos — disse Doyle.

O pescoço de Rhys virou-se lentamente, como se todos os seus músculos tivessem ficado subitamente tensos com raiva. Na noite passada, envergara uma arma e não fora minimamente assustador. Agora, sentado ali na beira da minha secretária, tornara-se assustador.

Não fez nada, as mãos dele até estavam soltas sobre o seu colo, só era visível aquela terrível tensão nas costas dele, a postura dos seus ombros, a forma como ele estava a conter-se, como se estivesse a um segundo de reagir terrivelmente — algo que destruiria a sala por completo e pintaria o vidro reluzente de sangue e outras coisas mais consistentes. Rhys não fizera nada, nada de nada; todavia, respirava-se violência no ar, como um beijo mesmo à superfície da pele, algo que nos fazia tremer de antecipação, apesar de nada ter acontecido. Ainda não, ainda não.

Queria ver para trás de mim, para Doyle, mas não conseguia afastar os olhos de Rhys. Era como se apenas a minha contemplação o mantivesse sob controlo. Eu sabia que não era bem assim, contudo, achei que se desviasse o olhar, nem que fosse só por um instante, algo muito, muito mau aconteceria.

Kitto estava tão colado às minhas pernas que conseguia sentir uma leve tremura percorrer-lhe todo o corpo. A minha mão permanecia nos caracóis dele, mas acho que já não era um toque reconfortante, porque sentia a tensão no meu braço, na minha mão.

O rosto de Rhys tornou-se esbranquiçado, como se algo branco e luminoso se movesse sob a sua pele da cara, como nuvens suaves e brilhantes — não se movia pelo rosto, mas por baixo da pele deste. O cintilante azul em volta das suas pupilas brilhava como néon, o azul do céu que o rodeava correspondia à cor do céu luminoso lá fora, e o último círculo de azul de um céu de Inverno tremeluzia como chamas azuis. O olho só brilhava. As cores não rodopiavam e eu sabia que o podiam fazer. Os caracóis do cabelo dele continuavam meramente brancos, o brilho não se havia estendido até eles. Já vira Rhys quando o seu poder o dominava, e esta não era uma dessas alturas, mas estava lá perto, demasiado perto para o escritório resplandecente e para o homem atrás de mim.

Eu tanto queria virar-me para ver a expressão de Doyle, como não queria. Não queria mesmo que houvesse um verdadeiro duelo aqui e agora, principalmente por algo tão estúpido.

— Rhys! — disse eu suavemente. Não olhou para mim. Aquele olho brilhante estava pousado sobre o homem por trás de mim, como se nada mais existisse.

— Rhys! — voltei a chamar com um tom de voz mais imperativo.

Ele pestanejou, baixou o olhar para mim. Ter o peso de toda aquela

fúria sobre mim fez com que deslizasse para trás com a cadeira. Na altura em que me apercebi do que acabara de fazer, parei-me a mim própria. Não podia voltar atrás, no entanto, podia fingir que fora intencional. Levantei-me, e esse foi o meu maior erro. Levantar-me fez com que Kitto se apressasse para fora da secretária, tentando manter-se próximo das minhas pernas. No preciso instante em que o pequeno duende se tornou visível, o olhar furioso de Rhys caiu sobre aquela figura pálida. Caiu e tornou-se mais duro.

Kitto pareceu sentir aquele olhar, porque abraçou as minhas pernas com tanta força que quase caí. Tive de recuperar o meu equilíbrio. Coloquei uma mão sobre a secretária e Rhys atirou-se sobre ela, com mãos brilhantes a lutarem para apanhar Kitto. Senti Doyle levantar-se por trás de mim, mas tinha de ser rápida. Já vira Rhys matar com um mero toque. Agarrei nas partes da frente e de trás do casaco dele e usei o seu próprio impulso para o atirar para fora da secretária, passando pelas pernas de Doyle e indo embater contra a parede. A parede estremeceu com o impacto e imaginei o que teria acontecido se, em vez disso, tivesse batido contra as janelas. Vi, pelo canto do olho, que Doyle estava de arma em punho, mas eu continuava a mover-me, ainda impulsionada pela minha própria energia.

Saquei do punhal que trazia na coxa, enquanto Rhys se erguia com a ajuda das mãos e dos joelhos e abanava a cabeça. Pressionei a ponta da lâmina contra o lado do pescoço dele. Teria sido melhor se pudesse tê-lo imobilizado, ou ter feito algo que me garantisse que ele simplesmente não poderia virar-se e puxar-me as pernas, contudo, foi o melhor que pude fazer no pouco tempo que tive. Eu sabia o quão rápido os guardas recuperavam e tivera apenas alguns segundos para fazer alguma coisa.

Rhys ficou estático, de cabeça para baixo, com um respirar enraivecido. Conseguia sentir o corpo dele a ficar tenso contra as minhas pernas. Eu estava demasiado perto, tão demasiado perto, mas mantive a lâmina firme no lado do pescoço dele. Senti a pele dele a rasgar um pouco sob a ponta do punhal e percebi que o fizera sangrar. Não fora minha intenção; apenas havia sido impetuosa demais e não tivera cuidado. No entanto, ele não sabia que eu o fizera acidentalmente, e não se consegue convencer as pessoas de que se está a falar a sério quando se trata do seu próprio sangue.

— Esperava que tolerasses o Kitto um pouco mais com o passar do tempo, mas pareces estar a ficar pior. — A minha voz soou calmamente, quase como um sussurro, proferindo cada palavra com o maior cuidado, como se não confiasse no que eu própria poderia fazer se gritasse. Na verdade, eu mal conseguia falar por causa do bater forte do meu coração na garganta.

Rhys moveu a cabeça e eu imobilizei-a, fazendo com que ele enterrasse a lâmina um pouco mais no pescoço. Se ele achava que eu me afastaria, estava enganado. Parou de se mexer.

— Vê se percebes isto, Rhys, o Kitto é meu, tal como todos vocês são meus. Não permitirei que os vossos preconceitos o coloquem em perigo.

A voz dele fez-se ouvir com grande esforço, como se, finalmente, se tivesse tornado ciente de que eu poderia usar a lâmina tal como era suposto ser usada.

— Matavas-me por causa de um Duende.

— Matava-te por fazeres mal a algo que devo proteger. Ao atacá-lo desta maneira, demonstraste que não tens nenhum respeito por mim, nenhum. Na noite passada, o Doyle desrespeitou-me. Se há algo que aprendi com a minha tia e com o meu pai é que um líder que não é respeitado pela sua gente não passa de um mero testa-de-ferro. Eu não vou ser algo que vocês fodem e mimam. Serei rainha, caso contrário serei nada para vocês. — O meu tom de voz baixara ainda mais, por isso as últimas palavras que proferi foram ditas num sussurro áspero. E naquele momento, soube que realmente estava a falar a sério, e que se derramar o sangue de Rhys me fizesse obter o poder de que precisava, então matá-lo-ia. Conhecera Rhys toda a minha vida. Era meu amante e, de certo modo, meu amigo. No entanto, podia matá-lo. Teria saudades dele e arrepende-me-ia de ter precisado de o fazer, mas agora sabia que tinha de fazer com que os guardas me respeitassem. Eu sentia desejo pelos guardas; gostava daqueles com quem andava a dormir; quase que até amava um ou dois, contudo, eram pouquíssimos os que gostaria de ver no trono. Poder absoluto, decisão de vida ou morte: a quem confiaria tamanho poder? Qual dos guardas era incorruptível? Resposta: nenhum. Toda a gente tem os seus pontos fracos, aquele ponto em que estão tão seguros de si próprios que acabam por ver apenas aquilo que para eles é correcto. Eu confiava em mim própria, mas havia dias em que duvidava de mim. Tinha esperança de que essa dúvida me mantivesse honesta. Talvez estivesse a enganar-me a mim própria. Talvez seja impossível entregar esse tipo de poder a alguém e essa pessoa manter-se honesta e justa. Quicá aquele velho ditado seja verdade: o poder corrompe e o poder absoluto corrompe absolutamente. Daria o meu melhor, todavia, de uma coisa tinha a certeza: se não tomasse as rédeas da situação agora, os guardas passariam por cima de mim. Poderia ganhar o trono, mas perderia tudo o resto. Eu nem sequer queria o trono assim tanto, contudo, queria governar, governar e tentar melhorar as coisas. E é claro que esse mesmo desejo, provavelmente, era o meu ponto fraco e o início da corrupção. Achar que sabia o que era melhor para todos os Unseelie... Que arrogância!

Comecei a rir. Ri-me tanto que tive de sentar-me no chão. Tinha a



faca ensanguentada na mão e observava como os dois guardas me fitavam com expressões de preocupação estampadas nos rostos. Rhys já não estava a brilhar. Kitto tocou-me no braço, delicadamente, como se receasse o que eu poderia fazer. Envolvi-o com os braços, abracei-o com força e as lágrimas que me escorriam cara abaixo deixaram de ser me rir tanto, e simplesmente chorei. Agarrei Kitto e a faca ensanguentada e chorei.

Eu não era melhor do que os outros. O poder corrompe, é claro que corrompe. É para isso que serve. Aconcheguei-me no chão e permiti que Kitto me embalasse, e não resisti quando Doyle me tirou a faca da mão, com muita delicadeza.



## CAPÍTULO 4

A cabei enroscada numa das cadeiras para os meus próprios clientes, com uma chávena de chá de menta quente e com o meu patrão, Jeremy Grey. Não sei o que o terá alertado para o problema, mas ele irrompera porta adentro como uma pequena e asseada tempestade. Mandara toda a gente sair, e é óbvio que Doyle argumentara que Jeremy não teria capacidade para garantir a minha segurança. Jeremy contra-atacou com: «Nem nenhum de vocês!» O silêncio que caíra na sala fora intenso e Doyle saíra sem dizer mais nada. Rhys seguira-o com um lenço pressionado contra o pescoço, tentando não manchar ainda mais o seu casaco branco com sangue.

Kitto ficara, porque eu estava agarrada a ele, contudo, agora já estava mais calma. Kitto estava simplesmente sentado aos meus pés, com um braço sobre os meus joelhos e passando o outro para cima e para baixo na parte da frente da minha perna. Quando um ser feérico tocava tanto e tão intimamente em alguém, era sinal de nervosismo, mas eu estava a afagar-lhe o cabelo em círculos intermináveis com a minha mão livre, portanto estava tudo bem. Estávamos quites.

Jeremy debruçou-se sobre a minha secretária, observando-me. Como sempre, trazia um fato de alta-costura, confeccionado na perfeição para o seu corpo de metro e meio. Era dois centímetros mais baixo do que eu, forte e esbelto, com um volume de ombros bem masculino. O fato era cinzento muito escuro, aproximadamente cinco tons mais escuro do que a sua própria pele. O seu cabelo curto, impecavelmente cortado, era de um cinzento mais claro do que a sua pele, mas não muito. Até os olhos dele eram cinzentos. Já o sorriso dele era de um branco radioso, as melhores coroas que o dinheiro podia comprar, que condizia com a camisa branca que escolhera para aquele dia. A única coisa que arruinava o seu perfil moderno e perfeito era o nariz. Gastara fortunas com os dentes, mas deixara em paz o seu nariz bastante longo e adunco. Eu nunca lhe perguntara nada quanto

a isso, mas Teresa perguntara. Afinal de contas, ela era meramente humana e não entendia que fazer uma pergunta pessoal é o pior insulto entre os seres feéricos. Dar a entender, ao mesmo tempo, que algo no seu aspecto físico não é atraente... bem, era algo que simplesmente não se fazia. Jeremy explicara-lhe que, entre os elfos da raça dele, ter um nariz grande era como ter pés grandes entre os humanos. Teresa corara e não fizera mais perguntas. Eu aproximara-me dele, esfregara-lhe o nariz com as pontas dos dedos e dissera «Oooh». Fizera-o rir.

Ele cruzou os braços sobre o peito, emitindo o reflexo do ouro do seu *Rolex*, e observou-me. Entre os seres feéricos não era educado perguntar a alguém por que motivo a pessoa estava a ter uma crise nervosa. Que diabos, por vezes até era considerado rude apenas reparar que alguém estava a ter um ataque de nervos! Normalmente isso aplicava-se à realeza, porém. Toda a gente tinha de fingir que o rei ou a rainha não eram doidinhos. Não se podia admitir que séculos de endogamia haviam causado estragos.

Ele respirou bem fundo, expirou e depois suspirou.

— Como teu empregador, preciso saber se hoje ainda estás em condições de tratar dos teus compromissos — foi uma bela forma de contornar a questão do que se estava a passar sem ter realmente de o perguntar.

Acenei afirmativamente com a cabeça, elevando a chávena de chá até ao meu rosto, não para o beber, mas meramente para inspirar o aroma adocicado da mistura de menta e hortelã.

— Eu fico bem, Jeremy.

Ele ergueu as sobrancelhas, que eu, por acaso, sabia que ele as tinha arrancado e arranjado. Aparentemente, os elfos têm aquele tipo de sobrancelhas-que-percorrem-toda-a-cabeça. O estilo Neandertal de sobrancelhas proeminentes simplesmente não condiz com fatos *Armani* e mocassins *Gucci*.

Podia ter-me ficado por ali e, segundo a nossa cultura, ele teria de aceitar a minha resposta e seguir em frente. No entanto, Jeremy era meu patrão e amigo há anos, muito antes de sequer saber que eu era a princesa qualquer coisa. Ele dera-me emprego pelo meu próprio mérito, não devido ao facto de a publicidade de ter uma verdadeira princesa das Fadas no seu quadro de funcionários aumentar abundantemente o volume de negócios. Na realidade, a enorme cobertura dos meios de comunicação haviam-me tornado inútil para trabalhos sob disfarce, a não ser que usasse tremendas quantidades de *glamour*<sup>2</sup> pessoal para mudar a minha aparência. A maior parte dos jornalistas especializados em localizar os seres feéricos possuía

---

<sup>2</sup> Feitiço usado para disfarces, ou seja, para que aquilo que as outras pessoas vejam não seja a realidade, mas sim aquilo que quem lança o feitiço pretende. (N. da T.)

algumas capacidades mágicas. Quando eles detectavam o *glamour*, o feitiço dissolvia-se. Por vezes, isso só acontecia perante os olhos do jornalista, mas, outras vezes, se o jornalista fosse suficientemente talentoso, o *glamour* desfazia-se perante toda a gente. Isso era algo muito, muito mau de acontecer em no meio da operação sob disfarce.

Eu já convivía com humanos há tempo suficiente para saber que devia uma explicação a Jeremy.

— Não sei o que aconteceu exactamente, Jeremy. O Rhys começou a falar sobre Duendes, depois tentou agarrar o Kitto e eu atirei-o contra a parede.

Jeremy pareceu surpreendido, o que não era muito lisonjeiro, nem simpático.

Franzi-lhe o sobrolho.

— Posso não estar na mesma categoria de peso deles, Jeremy, mas sou capaz de atravessar a porta de um carro com o punho sem partir um único osso.

— Provavelmente, os teus guardas seriam capazes de levantar o carro e deixá-lo cair em cima de alguém.

Sorvi um gole de chá.

— Pois, eles são mais fortes do que aparentam.

Ele deu um pequeno risinho.

— Tu, minha delicada beleza, estás tremendamente longe de parecer tão forte quanto realmente és.

— Retribuo-te o elogio — disse eu, brindando com ele com a chávena de chá.

Ele sorriu, expondo aquele sorriso caro.

— Sim, surpreendi alguns humanos nos meus tempos áureos. — O sorriso esvaneceu ligeiramente. — Se, ao menos, me tivesses dito para me meter na minha vida, tê-lo-ia feito, contudo, ofereceste informação, por isso vou fazer algumas perguntas. Diz-me só se não quiseres responder.

Assenti.

— Fui eu que comecei, Jeremy. Força!

— O Rhys não ficou com o casaco sujo de sangue por o teres atirado contra a parede.

— Isso não é uma pergunta — disse eu.

Ele encolheu os ombros.

— Como é que ele ficou ensanguentado?

— Uma faca.

— O Doyle?

Abanei a cabeça.

— Eu cortei o Rhys.

— Porque ele tentou magoar o Kitto?

Acenei afirmativamente com a cabeça, mas o meu olhar encontrou-se directamente com o de Jeremy.

— Eles não obedeceram às minhas ordens ontem à noite. Jeremy, se não ganhar o respeito deles, até posso obter o trono, mas serei rainha apenas de nome. Não quero arriscar a minha vida e as vidas das pessoas de quem gosto para ser somente uma testa-de-ferro.

— Então, cortaste o Rhys só para marcares uma posição?

— Por um lado sim. Pelo outro, só reagi, não pensei. Ele estava a tentar magoar o Kitto por causa de uma estupidez que aconteceu há séculos. O Kitto nunca lhe deu qualquer motivo para ele o odiar desta forma.

— O nosso guarda de cabelos claros detesta Duendes, Merry.

— O Kitto é um Duende, Jeremy. Ele não pode mudar isso.

Jeremy assentiu com a cabeça.

— Pois não.

Olhámos um para o outro.

— Que hei-de fazer?

— Não estás a referir-te apenas ao Rhys, pois não?

Entreolhámo-nos de novo e tive de baixar o olhar, mas isso significava que teria de olhar para os apreensivos olhos azuis de Kitto. Para onde quer que olhasse, havia alguém à espera de algo da minha parte. Kitto queria que eu tomasse conta dele. Jeremy, bem, só queria que eu fosse feliz, acho eu.

— Pensei que eles me respeitavam, quando estávamos no Illinois, mas é como se algo tivesse mudado nestes últimos três anos.

— O quê? — perguntou ele.

Abanei a cabeça.

— Não sei.

Kitto ergueu a cabeça, o que fez com que a minha mão deslizesse para a curva quente do seu pescoço.

— O Doyle — disse ele suavemente.

Olhei para ele.

— O que tem o Doyle?

Baixou os olhos parcialmente, como se tivesse medo de me olhar directamente. Não estava a ser covarde, era um gesto normal nele, um gesto de subserviência.

— O Doyle diz que começou bem, mas que não fez uso algum do seu pacto com os Duendes. — Ergueu o olhar ligeiramente. — Já só tem os Duendes como seus aliados por mais três meses, Merry. Se os Unseelie entrarem em guerra, durante mais três meses, é a ti que a rainha tem de recorrer para obter a ajuda dos Duendes e não ao rei Kurag. O Doyle receia

que só queiras foder com toda a gente e que não farás nada contra os teus inimigos.

— O que é que ele quer que eu faça, que declare guerra contra alguém?

Kitto escondeu a cara contra o meu joelho.

— Não sei, senhora, só sei que os outros obedecem à liderança do Doyle. É a ele que tem de dominar, não os outros.

Jeremy afastou-se da minha secretária, aproximou-se de nós os dois.

— Acho um pouco estranho que guerreiros Sidhe falem tão à vontade à tua frente. Sem ofensa, Kitto, mas tu és um Duende. Porque é que eles haviam de confiar em ti?

— Tal como diz, eles não confiaram em mim. Mas, às vezes, conversam como se eu não estivesse lá. Tal como vocês acabaram de fazer.

Jeremy franziu o sobrolho.

— Estou a falar contigo, Kitto, não estou a ignorar-te.

Ele ergueu o olhar para nós os dois.

— Mas antes estavam a conversar como se eu fosse algo que não vos entendia, como um cão ou uma cadeira. Todos vocês o fazem.

Pestanejei, sem tirar o olhar daquele rosto inocente. Queria negá-lo, mas permaneci calada e pensei no que ele dissera. Teria ele razão? A conversa que acabara de ter com Jeremy tinha sido privada, mais ou menos. Só por acaso é que Kitto ali estivera. Eu não pedira a sua opinião nem a sua ajuda. Muito sinceramente, não pensara que ele pudesse ajudar em alguma coisa. Eu via-o como alguém de quem eu tinha de cuidar, uma obrigação, não um amigo, honestamente, não uma pessoa.

Suspirei e deixei cair a minha mão de cima dele, deste modo, ele tocava-me, mas eu não lhe tocava a ele. Os olhos dele esbugalharam-se freneticamente e ele agarrou a minha mão e voltou a colocá-la sobre a cabeça dele.

— Por favor, não se zangue comigo. Por favor!

— Não estou zangada, Kitto, mas acho que tens razão. Trato-te como um animal de estimação, não como uma pessoa. Eu jamais me sentaria a fazer festas a um dos outros homens. Tenho abusado. Desculpa!

Ele colocou-se de joelhos.

— Não, não, não foi isso que quis dizer. Eu adoro que me toque. Faz-me sentir seguro. É a única coisa que me faz sentir seguro aqui neste... sítio. — O seu rosto apresentava um ar distante, perdido.

Ofereci a chávena de chá a Jeremy, que pegou nela e a colocou na beira da minha secretária. Coloquei a cara de Kitto entre as minhas mãos, obriguei-o a olhar-me nos olhos.

— Dizes-me que eu te trato como um cão, uma cadeira, e eu tento

tratar-te como uma pessoa e tu dizes-me que também não queres isso. Não percebo o que queres de mim, Kitto.

Ele colocou as suas mãos quentes sobre as minhas, pressionou a minha pele com firmeza contra o seu rosto. As mãos dele eram tão pequenas; era o único homem que alguma vez conhecera com umas mãos mais pequenas do que as minhas.

— Quero que me toque sempre, Merry. Não pare! Não me importo que as pessoas falem como se eu não existisse. Isso permite-me ouvir coisas, saber coisas.

— Kitto — disse eu, docemente.

Ele trepou para o meu colo como uma criança, obrigando-me a envolvê-lo com as minhas mãos de modo que impedisse a sua queda. A minha mão direita deslizou sobre as escamas escorregadias das suas costas, a esquerda envolveu o contorno macio e sem pêlos da sua coxa. Os Sidhe não tinham muitos pêlos corporais e os Duendes-Serpente não tinham nenhuns. A mistura de heranças fizera Kitto macio e perfeito, como se tivesse sido encerado da cabeça aos pés. Enfatizava ainda mais a sua aparência de «boneca» e concedia-lhe uma imagem infantil para toda a eternidade. Ele fora um dos resultados da última guerra entre Sidhe e Duendes, o que queria dizer que Kitto tinha pouco mais de dois mil anos. Eu conhecia a minha história, lembrava-me da data, no entanto, tornava-se difícil acreditar ao tê-lo ali nos meus braços, como uma boneca de tamanho grande. Era quase impossível de entender que o homem enroscado no meu colo tinha nascido não muito tempo antes da morte de Cristo.

Doyle era ainda mais velho, e Frost também. Rhys, sob um nome diferente, o qual jamais conseguira que mo dissesse, fora venerado como um deus da Morte. Nicca tinha apenas algumas centenas de anos, em comparação era muito jovem. Galen só era mais velho do que eu setenta anos, o que nas cortes era quase o mesmo que termos sido criados juntos.

Eu crescera a vê-los permanecerem exactamente na mesma. Eram imortais, eu não. Eu estava a envelhecer de uma forma um pouco mais lenta do que os humanos comuns, mas não muito. Aparentava ter cerca de uma década ou duas a menos do que deveria ter. Vinte anos de vida a mais era excelente, contudo, não viveria para sempre.

Ergui o olhar para Jeremy em busca de uma pista do que fazer em relação ao duende. Ele afastou as mãos.

— Não olhes para mim. Nunca tive um funcionário que trepasse para o meu colo e quisesse que o tratasse como um animal de estimação!

— Ele não quer exactamente isso — disse eu. — Quer que lhe dê garantias.

— Se tens todas as respostas, Merry, então porque não o tranquilizas?  
— perguntou Jeremy.

— Um pouco de privacidade, talvez — pedi eu. No preciso instante em que pedi privacidade, senti o corpo de Kitto relaxar contra o meu. Fez deslizar o braço por baixo do meu casaco, parando na parte inferior das minhas costas. Afastou os joelhos o suficiente para os enfiar por baixo do meu braço, colocando a minha mão na sua coxa bem para baixo, para a bainha dos seus calções. Já que Kitto nunca estava visível para os clientes, podia vestir-se de forma mais casual todos os dias.

Jeremy endireitou a gravata e alisou as bainhas do casaco. Gestos de nervosismo, todos.

— Vou deixar-vos a sós, se bem que acho que, assim que o Doyle descobrir que estás aqui sozinha só com o Kitto, virá logo para aqui.

— Não precisamos de muito tempo — respondi.

— Os meus pêsames — disse Jeremy. Ainda abriu a boca como se fosse acrescentar alguma coisa, depois abanou a cabeça, puxou as mangas do casaco do fato e dirigiu-se, determinado, para a porta.

A porta fechou-se por trás dele e eu baixei o olhar para o duende. Não íamos fazer o que Jeremy obviamente pensava que íamos fazer. Eu jamais havia tido relações sexuais com Kitto e não tencionava começar agora. Fora obrigada a partilhar da minha carne com um dos Duendes em troca da dele, com o intuito de consolidar o pacto entre eles e mim, mas, para um Duende, partilhar carne pode significar uma série de coisas. Tecnicamente, a partir do momento em que permiti que Kitto deixasse uma marca perfeita dos seus dentes no meu ombro, partilhámos carne e ficou resolvido. No entanto, o que se deveria ter tornado numa cicatriz começou a desvanecer e depois desapareceu da minha pele. Eu mostrara a marca da mordidela ao rei Kurag quando ainda estava fresca e nem eu nem Kitto havíamos mencionado que a marca desaparecera. Sem a cicatriz não havia qualquer prova de que eu pertencia a Kitto.

A dor da dentada de Kitto havia-se perdido algures no meio do acto sexual com outra pessoa, perdido quando o meu corpo avançara para aquele lugar onde prazer e dor se confundem. Vindo do nada, sem quaisquer preliminares, ter-se um bocado do nosso corpo arrancado pura e simplesmente dói.

Kitto estava no seu direito, segundo a cultura dos Duendes, de esperar que lhe garantissem tranquilidade sob a forma da partilha de carne, fosse lá o que isso significava para nós. Eu tinha muita sorte com o meu pequeno duende: ele era-me subserviente e gostava de o ser. O meu pai certificara-se de que eu entenderia todas as culturas que faziam parte da corte Unseelie e eu sabia o que eram verdadeiras garantias e o que não eram no mundo de



Kitto. Tinha de ser honesta com ele, não podia enganá-lo. Suspeitava convictamente de que Kurag ficaria furioso por eu não ter qualquer marca de duende visível no meu corpo; e, ainda por cima, Kitto também não estava a usufruir de relações sexuais. Portanto, eu estava a tentar ser muito cuidadosa relativamente a todas as outras regras e tabus culturais.

Tinha de tranquilizar Kitto e prosseguir com o trabalho do dia. Antes de podermos ir visitar Maeve Reed, ainda tínhamos de atender outros dois clientes. A senhora Reed, através de Jeffery Maison, insistira veementemente para que nos encontrássemos esta tarde e não esta noite. Se não pudéssemos hoje à tarde, amanhã de manhã seria a melhor alternativa.

Kitto aconchegou-se a mim, massajando-me as costas e cintura com as suas pequenas mãos. Foi uma forma carinhosa de me lembrar que ele ainda ali estava, à espera.

A porta abriu-se. Rhys hesitou ao passar a porta, observando-nos. Fui percorrida por um surto de raiva.

— Entra, Rhys. Junta-te a nós. — A minha voz soou de um modo frio, distante, zangado.

Ele abanou a cabeça.

— Vou chamar o Doyle para vir para aqui.

— Não — disse eu.

Ele parou na entrada e, finalmente, olhou-me nos olhos.

— Tu sabes que não te partilho com o... — calou-se antes de ter hipótese de dizer duende e terminou a frase desajeitadamente. — ...ele.

— E se eu disser que vais partilhar-me com ele?

— Vim aqui para pedir desculpa, Merry. Se eu tivesse ferido o Kitto, poderia ter colocado o teu pacto com os duendes em risco. Lamento por ter perdido a cabeça.

— Se este tivesse sido o primeiro incidente, aceitaria o pedido de desculpas. Mas já não é o primeiro. Nem sequer é o décimo quinto. As palavras já não bastam.

— O que queres que faça, Merry? — ele estava, novamente, com uma expressão furiosa e cenhosa.

— Distraí-me enquanto dou novas garantias ao Kitto.

Ele abanou a cabeça com a rapidez suficiente para atirar os seus caracóis brancos pelo ar. Estremeceu e levou uma mão ao pescoço. Tinha um penso, contudo, aparentemente ainda doía. O ferimento não existiria durante muito tempo: mais algumas horas e estaria completamente curado.

— Jurei que jamais permitiria que um duende me tocasse, Merry. Sabes bem disso.

— Ele vai tocar-me a mim, Rhys, não a ti.

— Não, Merry, não.

— Então faz as tuas malas e vai embora!  
O seu olho ficou esbugalhado.  
— O que queres dizer com isso?  
— Quero dizer que não posso arriscar que magoes o Kitto e me lixes o pacto com os duendes.

— Já disse que lamento o que fiz.  
— Mas não lamentas o suficiente para te tornares amigo do Kitto. Não o suficiente para te comportares como um guarda-costas e não como uma criança mimada e intolerante.

Permaneceu em frente à porta semiaberta de olhar fixo em mim.  
— Não podes querer dizer que me expulsarias, dando preferência a este... duende.

Abanei a cabeça.  
— Os inimigos dos Duendes serão os meus inimigos durante mais três meses. Isso tem-me mantido mais segura do que aquilo que qualquer um de vocês tem conseguido fazer. Ninguém quer ter de enfrentar o exército inteiro dos Duendes. O facto de não seres capaz de ver além do teu próprio preconceito e entenderes o quão importante isto é significa que tens demasiados defeitos para seres meu guarda. — Fiz deslizar a minha mão pelo braço de Kitto abaixo, pressionei a sua cabeça com mais firmeza contra o meu ombro e obriguei Rhys a olhar para ele.

A raiva que lhe preenchia o rosto era genuína.  
— Eles — apontou para Kitto — tornaram-me defeituoso. Arranjou a pala do olho e irrompeu sala adentro com passos largos. — Eles fizeram-me isto. — Manteve o dedo apontado para Kitto à medida que avançava para nós. — Ele fez isto!

Kitto ergueu o rosto para dizer:  
— Nunca lhe fiz mal algum.  
As mãos de Rhys tremiam, enquanto as cerrava em forma de punhos. Ficou de pé quase por cima de nós, iminente, a tremer de raiva, com a premente necessidade de bater em alguma coisa, em alguém.

— Não, Rhys! — disse eu, de voz baixa, calma. Temia enraivecê-lo caso elevasse a minha voz. Não queria mesmo perdê-lo, todavia, também não queria que magoassem Kitto.

Ouvi um ruído por trás de nós, apesar de não conseguir ver a porta por causa de Rhys. A voz de Doyle soou de forma clara e profunda.

— Algum problema?  
— Graças ao Rhys, tenho de renovar os meus votos para com o Kitto, por isso disse-lhe que ele tinha de me distrair enquanto o fazíamos.  
— Teria todo o prazer em distraí-la, princesa — disse Doyle.  
— Ah, sim, és excelente nos preliminares desde que não aconteça

mais nada depois disso. E deixa-me que te diga que isso também está a começar a irritar-me — retorqui.

— O Frost deve estar a chegar muito em breve da missão que lhe foi atribuída. Ele disse à aspirantezeca a estrela de cinema para arranjar outra pessoa que a proteja dos seus futuros fãs.

Continuávamos a conversar com o corpo de Rhys entre nós.

— Pensei que o serviço de vigilância pessoal desempenhada pelo Frost durava até ao final da semana, pelo menos.

— Depois do atentado da noite passada, achei que seria sensato tê-lo conosco. Mandei-o sondar a casa da senhora Reed com antecedência.

— Sondar? — disse em tom de pergunta.

— Afinal de contas ela é uma Sidhe pura da corte Seelie, outrora foi uma deusa, mas agora já não pertence a nenhuma das cortes. Ela pode achar que está além das nossas leis. Eu seria um guarda realmente incompetente se simplesmente permitisse que entrasse em casa dela sem alguma preparação.

— Então, retiraste o Frost de um trabalho da nossa agência e atribuíste-lhe outra tarefa sem perguntares nada ao Jeremy ou a mim.

Silêncio.

— Vou considerar isso como um sim. — Franzi o sobrolho a Rhys. — Chega-te para um lado, Rhys. A aparência de ameaça já começa a fartar.

Rhys pareceu um pouco surpreendido, como se eu devesse estar a tremer de medo. É claro que o espectáculo, provavelmente, não era para mim. Kitto estava pálido e parecia muito assustado.

— Mexe-te! — ordenei.

— Faz o que a princesa está a pedir! — disse Doyle.

Só então é que Rhys se afastou, com relutância, para um lado. Fixei o olhar para lá dele, para Doyle, que estava mesmo à porta.

— Ou o Rhys me ajuda a distrair-me enquanto o Kitto obtém novas garantias, ou vai fazer as malas dele e volta para o Illinois.

Doyle pareceu completamente abismado. Não se via aquela expressão com muita frequência no rosto do *Negrume* da rainha. Deixou-me um pouco contente.

— Pensei que gostava dos galanteios do Rhys.

— Adoro ter o Rhys na minha cama, mas isso não interessa. Se ele não consegue controlar-se quando está perto do Kitto, então, eventualmente, um destes dias explode e magoa-o. Sabes que o Kurag não queria fazer um pacto comigo, Doyle. Ele tentou esgueirar-se desde o início. Eu obriguei-o a formar uma aliança comigo, mas se o Kitto for ferido, ou pior, morto, então o Kurag poderá usar isso como desculpa para quebrar a aliança. — Afaguei o lado da face de Kitto, desviando-lhe o olhar de Rhys. — E achas mesmo

que se o Kurag tiver de nos enviar um segundo duende, será alguém tão agradável quanto o Kitto? É a minha carne e o meu sangue que estão a ser oferecidos em troca, não o do Rhys, nem o teu.

— Já é motivo suficiente, princesa — disse Doyle. — Mas se mandar o Rhys de volta para casa, a nossa rainha também vai enviar um novo guarda para o substituir e ela pode escolher um de entre muitos muito menos agradáveis do que o Rhys.

— Não interessa. Ou o Rhys faz isto, ou vai embora. Estou farta de dramas.

Doyle respirou suficientemente fundo para me permitir visualizar o elevar e descer do seu peito do outro lado da sala.

— Então, vou ficar aqui a assegurar a segurança de todos.

Rhys virou-se de frente para mim.

— Não estás a dizer que tenho mesmo de fazer isto.

— A princesa Meredith NicEssus, detentora da Mão da Carne, deu-te uma ordem. Se não obedeceres, nesse caso, a princesa já te disse qual será a punição.

Rhys caminhou na direcção de Doyle, a raiva esvanecia-se.

— Colocavas-me de lado por causa disto? Sou um dos teus melhores guardas.

— Detestava perder-te nesta batalha — disse Doyle —, mas não posso contrariar os desejos da princesa.

— Não foi isso que disseste ontem à noite — retorquiu Rhys.

— Ela tem razão, Rhys, tu colocaste a nossa aliança com os Duendes em risco. Se não consegues controlar o teu ódio contra o Kitto, então és um risco para todos nós. Ela está certa em obrigar-te a enfrentares este teu receio.

— Não tenho medo dele — disse Rhys, voltando a apontar.

Kitto voltou a encolher-se contra mim perante a fúria de Rhys.

— Todos os ódios irracionais têm como raiz o medo de algo — disse Doyle. — Os duendes feriram-te há muito tempo e tu receias voltar a cair nas mãos deles. Podes odiá-los, se quiseres, e pode temê-los, se assim tiver de ser, mas eles são nossos aliados e tens de os tratar como tal.

— Não vou ajudar essa... coisa a enterrar as suas presas numa princesa Unseelie.

— Se te tivesses comportado — disse eu —, tão cedo não seria obrigada a fazer isto outra vez. Estás prestes a magoar-me, Rhys, e se eu estou disposta a suportar isto, então o mínimo que podes fazer é tentar que não seja absolutamente desagradável.

Rhys foi até à janela, olhando para o exterior. Falou sem se virar.

— Não sei se consigo fazer isso.

— Pelo menos, tenta — disse eu —, mas tenta mesmo. Não podes

simplesmente meter um dedo do pé na água, dizer que está fria e fugir para casa a correr. Tens de aguentar. Se realmente conseguires suportar, depois falamos, mas primeiro tens de tentar.

Ele encostou a cabeça ao vidro da janela. Por fim, levantou a cabeça, endireitou os ombros e virou-se de frente para a sala.

— Darei o meu melhor. Mas certifica-te só de que ele não me toca!

Baixei o olhar para o rosto pálido e os olhos apavorados do pequeno duende.

— Rhys, detesto desiludir-te, mas acho que o Kitto não quer tocar-te tanto quanto tu não queres tocar-lhe.

Rhys assentiu ligeiramente com a cabeça.

— Está bem, então. Vamos lá fazer isto. Temos clientes à espera. — Consegui dar um sorriso desmaiado. — Mistérios para desvendar, tipos maus para apanhar.

Sorri-lhe.

— É esse o espírito.

Doyle fechou a porta por trás dele e encostou-se a ela.

— Não interferirei, a não ser que haja algum perigo.

Pela primeira vez, Doyle não estava a proteger-me de uma qualquer força externa, mas a proteger-me de um dos meus próprios guardas. Observei Rhys, enquanto este se aproximava de mim e de Kitto. O penso que tinha no pescoço era quase tão grande quanto a palma da minha mão. Talvez Doyle não estivesse aqui apenas para me manter a mim e a Kitto a salvo de Rhys; talvez, só talvez, também aqui estivesse para proteger Rhys de mim.



## CAPÍTULO 5

Rhys pousou a sua gabardina de seda sobre a minha secretária e veio para a nossa frente. Kitto enroscou-se como uma pequena bola no meu colo, de olhos fixos em Rhys do mesmo modo que os pequenos mamíferos olham os gatos. Como se o gato não os visse, se eles se mantivessem suficientemente quietos.

O coldre de ombro, sobre a camisa de Rhys, era elegantemente branco. A coronha era como uma imperfeição negra no meio de todos aqueles tons brancos e cremes.

— Rhys, dá a tua arma ao Doyle, por favor!

Ele olhou de relance para Doyle, que regressara à sua cadeira junto às janelas.

— Dá-me a impressão que estás a deixar o pequeno nervoso, Rhys.

— Olha que pena! — disse ele, com uma voz cruel.

Dirigi-lhe um olhar penetrante e senti as primeiras agitações de poder. Não lutei contra a raiva nem contra a magia. Permiti que me preenchessem os olhos. Percebi que havia um bruxuleio de cores e luz nos meus olhos, não era em mais nenhum sítio da sala, era nos meus olhos.

— Tem cuidado, Rhys, ou habilitas-te a ir já embora, sem a tua segunda oportunidade. — A minha voz soava baixa e calma novamente. Estava a sustentar a minha magia da mesma maneira que se sustém a respiração: controlada, caso contrário começa-se aos berros.

Devo-lhe ter dado a entender que falava a sério, porque ele virou-se sem dizer mais nada e dirigiu-se a Doyle. Entregou-lhe a arma, virando o canhão para o homem escuro, e ficou ali durante alguns segundos, de ombros direitos e mãos cerradas, ligeiramente levantadas e afastadas do corpo. Era quase como se ele se sentisse mais inseguro sem a arma. Até podia ter compreendido a sua situação, se ele fosse enfrentar um perigo realmente mortal, todavia, Kitto não representava esse tipo de ameaça. Ele não precisava da arma.

Virou-se na nossa direcção com uma respiração trémula, que ouvi claramente a metros de distância. Alguma da raiva desaparecera e o que dela restara fora um medo mal disfarçado. Doyle tinha razão; Rhys tinha medo de Kitto, ou melhor, de duendes. Para ele era como uma fobia. Uma fobia baseada em factos reais, esses são os tipos de medo que são quase impossíveis de curar.

Voltou a parar à nossa frente, baixando o olhar para mim, de rosto hesitante, mas, por baixo, havia uma vulnerabilidade que me fazia querer dizer-lhe: «Não, não tens de fazer isto.» Contudo, estaria a mentir. Ele tinha mesmo de o fazer. Se nada fosse feito, Rhys voltaria a perder a cabeça demasiadas vezes e Kitto seria ferido, ou pior. Não podíamos colocar o pacto em risco. E eu tinha a responsabilidade de cuidar de Kitto. Não tinha a certeza de quais seriam os meus deveres caso Rhys o matasse num ataque de pânico. Não queria ter de mandar executar alguém que conhecera toda a minha vida.

Queria tranquilizar Rhys, dizer-lhe que estava tudo bem, mas também não queria parecer fraca. Por isso, permaneci ali sentada, com um Kitto extremamente tenso enroscado no meu colo, e não disse nada.

— Saí sempre do quarto quando te ocupas com... isso, ele — disse Rhys. — O que acontece agora?

Estava farta e, subitamente, já não sentia pena de Rhys.

— Dou-te a escolher entre carne leve ou sangue fraco — carne leve era calão dos duendes para uns ligeiros preliminares. Sangue fraco significava que mal se rasgava a pele, ou até mesmo que se criavam vergões. As probabilidades de Kitto optar por algo para o qual eu não precisaria de quaisquer distrações eram muitas. Eu tinha vindo, lentamente, a ensinar Kitto novas interpretações para acariciar e preliminares, formas que eram muito menos estressantes para todos os envolvidos.

Ele baixou os olhos, evitando os olhares de todos e sussurrou:

— Carne leve.

— Feito — disse eu.

Rhys franziu o sobrolho.

— O que é que acabou de acontecer?

Ergui o olhar para ele.

— Negocia-se sempre com os duendes antes de se praticar sexo, Rhys. Se não o fizeres, chegas ao fim bastante ferido.

Lançou-me um olhar sombrio.

— Fui prisioneiro por uma noite. Não tive direito a negociar.

Suspirei e abanei a cabeça. A maior parte dos Sidhe, fossem eles Seelie ou Unseelie, sabiam muito pouco acerca de outras culturas que não as suas. Era um preconceito que assentava na crença de que nada mais valia a pena conhecer a não ser a cultura Sidhe.

— Na verdade, segundo a lei dos duendes, tinhas. Se eles te torturassem, aí não, terias simplesmente de suportar o que eles te fariam. Apesar de, sinceramente, haver algum espaço para negociações, até nas torturas. No que diz respeito ao sexo, porém, há sempre espaço para negociações. É uma tradição entre eles.

A careta dele piorou. Aquele único olho estava tão confuso, tão cheio de dor. Empurrei o pequeno duende, para que se levantasse, e coloquei-me de pé em frente a Rhys, metendo Kitto quase entre nós. Pela primeira vez, Rhys pareceu não reparar no quão próximo o duende estava dele.

— Os duendes violarão, e não há como evitá-lo, mas podemos impor as condições, as coisas que podem e as que não podem ser feitas.

A mão dele elevou-se lentamente em direcção às suas cicatrizes, depois parou antes de lhes tocar, ficando com a mão meramente suspensa no ar.

— Queres dizer que... — e deixou a frase inacabada.

— Que podias tê-los proibido de te desfigurarem para sempre, sim — a minha voz soou muito, muito suavemente ao dizê-lo. Desde que descobrira há alguns meses como tinha ficado sem o olho que queria contá-lo a Rhys e, ao mesmo tempo, receava fazê-lo.

Ele virou-se para mim com horror estampado no rosto. Toquei-lhe nas faces, pus-me nas pontas dos pés e puxei-lhe a cara para baixo, na minha direcção. Depositei-lhe um beijo delicado nos lábios, um leve tocar dos meus lábios nos dele, depois, estiquei-me até o meu corpo estar completamente encostado ao dele, esticando-me para ficar o mais alta que pude, com as mãos ainda no seu rosto, e puxando-o para mais perto de mim. Depositei o mesmo tipo de beijo sobre a cicatriz dele.

Ele fugiu para trás de repente, desequilibrando-me. Só as mãos de Kitto em volta da minha cintura impediram que caísse.

— Não — disse Rhys —, não!

Estendi-lhe as minhas mãos.

— Anda cá, Rhys!

Ele continuava a recuar. Sem que nenhum de nós reparasse, Doyle havia-se levantado por trás dele. Rhys parou de recuar quando esbarrou contra o corpo do seu capitão.

— Se a desapontares agora, terás de voltar para o mundo das Fadas, Rhys.

Ele olhou de relance para Doyle e depois para mim.

— Não vou desapontá-la, eu só... eu não sabia.

— A maior parte dos Sidhe não sabe nada sobre a cultura dos duendes — disse eu. — É um dos motivos pelo qual os duendes são guerreiros tão temidos, porque ninguém os entende. Poderíamos ter ganhado as guer-



ras contra os duendes séculos mais cedo, se alguém se tivesse dado ao trabalho de os estudar. E não quero dizer torturá-los. Não se aprende a cultura de alguém através de tortura.

Doyle colocou uma mão sobre cada um dos ombros de Rhys e começou a encaminhá-lo para junto de nós. Rhys já não parecia assustado, parecia mais em estado de choque, como se um pedaço do seu mundo se tivesse desintegrado e o tivesse deixado suspenso.

Doyle guiou-o novamente até nós e eu toquei delicadamente nas faces dele. Rhys pestanejou, assustado, como se se tivesse esquecido que eu ali estava.

— Não estás defeituoso, Rhys. Tu és lindo. — Baixei-lhe o rosto na minha direção, contudo, os quinze centímetros de diferença de alturas dificultavam as minhas intenções. Conseguia beijar-lhe a boca, mas não o olho. Voltei a meter-me nas pontas dos pés, o que permitia esticar o meu corpo ao longo do comprimento de Rhys. O braço de Kitto nunca largara a minha cintura e agora estava pressionado entre os nossos corpos, preso entre a pressão da nossa carne. Rhys não protestou, por isso deixei-o ficar. Eu terminaria o que havia começado.

Beije lentamente, e ao de leve o, seu rosto até lhe tocar na ponta da cicatriz. Ele saltou, e penso que apenas as mãos de Doyle nos ombros dele o impediram de voltar a fugir. Ele fechou o olho com força, como um homem condenado que não queria ver a bala a aproximar-se. Percorri-lhe as cicatrizes com beijos, até sentir a pele rugosa e escorregadia sob os meus lábios. Depositei-lhe um beijo delicado sobre a órbita vazia, onde o outro olho tão bonito deveria estar.

Estava tão tenso sob os meus braços que quase tremia. Beije-lhe a pele áspera com mais firmeza, deixando que os meus lábios se abrissem e fechassem com maior liberdade naquele sítio. Rhys emitiu um pequeno ruído. Lambi, muito cuidadosamente, a cicatriz. Da sua garganta surgiu outro pequeno ruído, e não era de dor.

Lambi, devagar e cuidadosamente, a pele escorregadia. O fôlego dele tornou-se rápido e mais forte. Os punhos que permaneciam levantados tremiam, mas não era de raiva. Passei a língua e os lábios sobre a cicatriz até os seus joelhos cederem e foi Kitto quem o agarrou pela cintura. O pequeno homem segurou-o como se ele não pesasse nada.

Beije Rhys na boca e ele correspondeu ao meu beijo como se se estivesse a afogar e fosse na minha boca que encontraria o fôlego que o salvaria. Acabámos de joelhos, no chão, com Doyle de pé sobre nós e Kitto ainda de volta da cintura de Rhys.

Rhys colocou os braços por trás das minhas costas e pressionou-me contra ele, com tanta força que mesmo estando o braço de Kitto entre nós

consegui perceber que Rhys estava duro e firme. Alguma fivela ou presilha deve ter magoado Kitto, porque este emitiu um leve ruído.

Aquele pequenino som apenas fez com que Rhys se erguesse para respirar, fê-lo olhar em volta e, quando viu o braço do pequeno duende à volta da sua cintura, produziu algo muito parecido com um grito e arrastou-se para longe de nós os dois.

Estava prestes a abrir a boca e dizer que Rhys já fizera o suficiente para me satisfazer, quando Kitto falou primeiro.

— Declaro-me satisfeito.

Fitei-o.

— Ainda não tiveste direito a nada.

Ele abanou a cabeça, pestanejando aqueles irresistíveis olhos azuis.

— Estou satisfeito — pareceu que ia acrescentar algo mais, aparentou pensar melhor sobre isso e só voltou a abanar a cabeça.

Foi Rhys quem falou.

— Ainda não recebeste o teu pedaço de carne.

— Não — disse o duende —, mas estou no meu direito de deixar isso para outra altura.

— Porque farias isso? — perguntou Rhys. Ele continuava acorocado no chão, com uma expressão facial doida, em pânico.

— A Merry precisa de todos os seus guardas para ficar em segurança. Eu jamais permitiria que ela perdesse um deles por minha causa.

Rhys observou-o.

— Abdicarias da tua parte de carne e sangue para que eu ficasse?

Kitto pestanejou, depois olhou para o chão.

— Sim.

Rhys franziu o sobrolho.

— Estás com pena de mim? — e um ligeiro tom de raiva apoderou-se da sua voz.

Kitto olhou para cima, claramente surpreendido.

— Com pena de si porquê? É bonito e partilha a cama com a Merry tal como usufrui do corpo dela. Tem a oportunidade de se tornar rei. As cicatrizes que pensa que o tornam defeituoso são um sinal de grande beleza entre os duendes, e sinal de bravura. Demonstram que sobreviveu a uma enorme dor — abanou a cabeça. — É um guerreiro Sidhe. Ninguém se mete consigo, a não ser a própria rainha. Olhe para mim, guerreiro, olhe para mim! — estendeu as suas pequenas mãos. — Eu não tenho garras, preciosa presazinha. Eu sou como um humano entre os duendes — pela primeira vez, ouviu-se amargura na voz de Kitto. Uma amargura causada por anos de maltrato, por pertencer a uma cultura que apreciava a violência e o valor físico, por estar preso num corpo fraco, segundo os seus padrões. Ele

já nascera vítima dos duendes. Estendeu aquelas mãos minúsculas a Rhys e naquele rosto pequeno e delicado entrevia-se raiva. Raiva e um desamparo proveniente da verdade. Kitto sabia muito bem o que era e o que não era. Entre os duendes era o almoço de alguém. Não admirava ele querer permanecer ao meu lado, até mesmo na cidade grande e má.



## CAPÍTULO 6

Perguntem à maioria das pessoas, especialmente a turistas, em que zona da Califórnia do Sul é que os ricos e famosos moram e eles responderão Beverly Hills. No entanto, Holmby Hills está repleto de dinheiro e fama, e propriedades — propriedades com cercas bem altas que bloqueiam a vista dos peões que por ali passam, tentando espreitar os ricos e famosos. Holmby Hills já não é a morada elegante e na moda que outrora fora, não é o sítio que as novas estrelas em ascensão escolhem para seu lar, contudo, há algo que não mudou: é preciso dinheiro para aqueles muros e portões, muito dinheiro. Pensando bem, se calhar é por isso que os famosos mais recentes não se mudam tanto para Holmby Hills; não têm dinheiro para isso.

Maeve Reed tinha. Ela era uma das grandes estrelas, mas, felizmente para nós, não fazia parte dos dois por cento de topo. Se ela fosse, por exemplo, a Julia Roberts, teríamos de escapar aos predadores da comunicação social dela, bem como aos meus. Um conjunto de jornalistas fanáticos já era mais do que suficiente para um só dia.

Havia formas de contornar a imprensa com as quais não era necessário recorrer a magia: por exemplo, uma carrinha branca com manchas de ferrugem, que ficava parada na garagem a maior parte do tempo. A Agência de Detectives Grey usava-a para fazer trabalhos de vigilância, quando a carrinha do costume atraía demasiada atenção. Quando era uma vizinhança simpática, usávamos a carrinha boa. No caso de ser uma má vizinhança, usávamos esta. Os média começaram a seguir a carrinha nova sempre que esta saía, segundo a teoria de que poderia levar escondida a princesa e a sua comitiva. O que nos deixou a carrinha velha como única opção, apesar de se destacar em Holmby Hills que nem um carro de luxo novo numa sucata.

Uma das janelas de trás estava tapada com cartolina e fita-cola. A ferrugem decorara a pintura branca como se esta tivesse ferimentos. Tanto a cartolina como a ferrugem continham orifícios para ocultar câmaras de fil-

mar e outros equipamentos. Numa emergência, estas frinchas até podiam ser usados como miras.

Rhys ia a conduzir. Eu e os outros íamos escondidos na parte de trás. Ele amontoara todo aquele cabelo branco sob um boné. Uma barba e um bigode falsos, de alta qualidade, escondiam aquele belíssimo aspecto de rapazito. O boné e os pêlos faciais até cobriam a maior parte das suas cicatrizes. Os guardas tinham-se tornado quase tão reconhecíveis pelas câmaras de filmar quanto eu, por isso tinham de usar bons disfarces. E Rhys adorava brincar aos detectives. Ele vestira-se como se o dia fosse como qualquer outro e o turbilhão emocional tivesse sido um mero sonho.

Kitto estava literalmente escondido por baixo das minhas pernas, no chão. Doyle estava sentado no lado oposto dos bancos, longe de mim. Frost apoderara-se do banco do meio.

Sentados ao lado um do outro, os dois homens tinham quase a mesma altura. Em pé, Frost era mais alto um par de centímetros. Os ombros dele eram um pouco mais largos e o seu corpo era ligeiramente mais corpulento. A diferença não era muita, e não se notava quando estavam vestidos, mas não deixava de haver alguma diferença. A rainha Andais tratava-os quase como se eles fossem apenas os dois lados da mesma moeda. O seu *Negrume* e o seu *Gelo Assassino*<sup>3</sup>. À parte da alcunha atribuída pela rainha, Doyle tinha o seu próprio nome, Frost não. Ele era simplesmente Frost ou *Killing Frost*, e mais nada.

Frost trazia vestidas umas calças largas de um tom cinzento muito escuro, estas eram tão compridas que lhe tapavam os mocassins também cinzento-escuros. Os sapatos estavam engraxados, atingindo um brilho tipo espelho. A camisa dele era branca, à frente era canelada e tinha um colarinho redondo que lhe rodeava a linha robusta e macia do pescoço. Um casaco cinzento claro escondia o seu coldre de ombro e a brilhante e niquelada arma de calibre 44. Era tão grande que eu mal podia com ela com ambas as mãos, quanto mais dispará-la.

O seu cabelo prateado, como fitas decorativas de uma árvore de Natal, estava apanhado num rabo-de-cavalo bem apertado, que lhe tornava o rosto sólido, imaculado e quase demasiado atraente. A ponta do rabo-de-cavalo prateado havia-se derramado maioritariamente sobre o banco de trás e metade sobre o seu ombro. À medida que ele apresentava o seu relatório a Doyle, alguns fios do seu cabelo atravessavam o meu ombro e o meu braço. Toquei naqueles fios brilhantes e senti a sua suavidade, qual teia de aranha. O cabelo parecia feito de metal e, portanto, deveria ter uma textura áspera, todavia, era maravilhosamente macio. Eu já tivera toda esta

---

<sup>3</sup>Corresponde ao original, em inglês, *Killing Frost*. (N. da T.)

preciosidade sedosa espalhada pelo meu corpo nu. Uma parte de mim achava que o cabelo de um homem deveria chegar, pelo menos, aos seus joelhos. Os Sidhe da realeza sentiam bastante orgulho dos seus cabelos, entre outras coisas.

A anca de Frost estava pressionada contra a minha, o que era difícil de evitar devido ao pequeno espaço do banco. No entanto, a anca dele colava-se toda sobre a minha, e isso ele podia evitar.

Eu erguera um cacho do seu cabelo em frente da minha cara, deixando os fios caírem, enquanto eu observava o mundo através de uma mecha, quando Doyle perguntou:

— Está a ouvir-nos, princesa Meredith?

Assustei-me e deixei cair o cabelo de Frost.

— Sim, estou a ouvir.

A expressão que tinha estampada no rosto demonstrava claramente que não acreditava em mim.

— Então, repita-nos o que acabámos de dizer, se for capaz!

Podia ter respondido que eu era uma princesa e que não tinha de repetir absolutamente nada, mas isso teria sido infantil e, além disso, até tinha estado a ouvir, algumas partes.

— O Frost viu algum do pessoal do Kane e do Hart para lá das paredes. O que significa que eles estão a fazer algum tipo de trabalho para ela, ou a desempenhar as funções de guarda-costas ou algo que exija talento físico — a Agência Kane & Hart era a única e verdadeira concorrência que a Agência de Detectives Grey tinha em Los Angeles. Kane era psíquico e perito em artes marciais. Os irmãos Hart eram dois dos magos humanos mais poderosos que eu já conhecera. A agência deles fazia mais trabalhos de segurança pessoal do que nós, ou tinha feito, até os meus guardas entrarem em cena.

Doyle olhou para mim.

— E?

— E o quê? — perguntei eu.

Frost riu-se, com aquele som puramente masculino que dizia muito melhor que quaisquer palavras que ele estava contente.

Soube o que o agradara sem ter de perguntar. Estava contente por eu ter estado tão distraída só por ele estar perto de mim. Para mim, Frost era o guarda, de entre todos os outros com quem dormia, que mais me distraía.

Ele virou-se para mim com os seus olhos cinzento-tempestade ainda preenchidos pelo brilho do riso. Sorrir suavizava-lhe o rosto perfeito, tornava-o mais humano.

Toquei-lhe na face com as pontas dos dedos; um toque muito ao de leve. O sorriso dele desvaneceu-se lentamente, deixando os seus olhos sé-

rios e carregados com um peso carinhoso de palavras não proferidas, de coisas ainda por fazer.

Fixei os meus olhos nos dele. Eram meramente cinzentos, não eram tricolores como os meus ou os de Rhys, mas, como é óbvio não eram só cinzentos. Eram da cor das nuvens de um dia de chuva e, tal como as nuvens, as cores mudavam ou rodopiavam, não devido ao vento, mas devido aos seus estados de espírito. Tinham o tom cinzento claro do peito de uma pomba, quando baixou a cabeça para me beijar.

O meu ritmo cardíaco acelerou de tal modo que me impediu de respirar. Os lábios dele roçaram nos meus, depositando um beijo delicado que estremeceu contra a minha pele. Ele ergueu-se após aquele momento carinhoso e olhámo-nos nos olhos um do outro a centímetros de distância e houve um instante de certeza. Há três meses que partilhávamos a mesma cama. Ele certificara-se quanto à minha segurança. Eu apresentara-o ao século XXI. Assistira ao modo como Frost reaprendera a sorrir e a rir. Havíamos partilhado centenas de intimidades, dúzias de piadas, milhares de novas descobertas acerca do mundo em geral e nada disso tinha sido suficiente para aborrecer nenhum de nós. Subitamente, olhá-lo nos olhos e um beijo delicado, e foi como se o que sentia por ele tivesse atingido uma magnitude perigosa, como se tivesse estado à espera de um último toque, de um olhar mais demorado, para ficar a saber. Eu amava Frost e, pelo seu ar surpreendido ao olhar para baixo, para mim, acho que ele também o sentia.

A voz de Doyle quebrou o momento, fazendo-nos saltar.

— O que não ouviu, Meredith, é que foram lançadas protecções em volta da propriedade da Maeve Reed. Está protegida como só uma deusa, que tem vivido no mesmo pedaço de terra durante mais de quarenta anos, o poderia fazer.

Pestanejei ao mesmo tempo que olhava para Frost, tentando engatar uma nova mudança no meu cérebro de modo que conseguisse ouvir Doyle e a prestar-lhe a atenção devida. Tinha ouvido o que ele dissera, contudo, não tinha a certeza de ter prestado atenção, ainda não tinha.

Se tivesse estado sozinha com Frost, teríamos falado sobre o assunto, mas não estávamos sozinhos e, sinceramente, estarmos apaixonados um pelo outro não mudava grande coisa. Quer dizer, mudava tudo e nada. Amar alguém altera-nos, mas a realeza raramente casa por amor. Nós casamos para fortalecer pactos, para parar ou prevenir guerras ou para criar novas alianças. No caso dos Sidhe, nós casamos para nos reproduzirmos. Há mais de três meses que andava a dormir com Rhys, Nicca e Frost e ainda não engravidara. Se nenhum me fizesse um filho, não me seria permitido casar com nenhum deles. Haviam passado apenas três meses e, nor-

malmente, uma Sidhe demorava um ano ou mais a engravidar. Não me preocupara com isso, até agora. E eu não estava preocupada por não estar grávida, estava preocupada por não o estar e isso querer dizer que perderia Frost. No exacto momento em que terminei o pensamento, soube que não podia dar-me ao luxo de pensar assim.

Eu teria de entregar o meu corpo ao homem cuja semente me engravidasse. O meu coração podia seguir a direcção que quisesse, contudo, o meu corpo estava reservado. Se o Cel se tornasse rei, deteria o poder sobre a vida e a morte na corte. Ele teria de me matar, a mim e a todos os que ele visse como ameaça ao seu poder. Frost e Doyle jamais sobreviveriam. Quanto a Rhys e Nicca não tinha a certeza. Cel não parecia ter tanto medo do poder deles, podia ser que os deixasse viver. Ou não.

Afastei-me de Frost, abanando a cabeça.

— O que foi, Meredith? — perguntou ele. Agarrou-me a mão, quando a afastava do rosto dele. Segurou a minha mão na dele, apertando-a, quase dolorosamente, como se tivesse visto alguns dos meus pensamentos através do meu rosto.

Se não podia falar sobre amor em frente dos outros, certamente que não poderia falar acerca do preço a pagar por ser princesa à frente deles. Eu tinha de engravidar. Eu tinha de ser a próxima rainha da corte Unseelie ou morreríamos todos.

— Princesa — chamou Doyle docemente. Olhei para lá do ombro de Frost para ver os olhos escuros de Doyle. E algo naqueles olhos me dizia que ele, pelo menos, atentara no meu ar pensativo. O que também queria dizer que ele se apercebera do que eu sentia por Frost. Não gostava que fosse tão óbvio para os outros. O amor, tal como a dor, devia permanecer privado até pretendermos partilhá-lo.

— Diz, Doyle! — disse eu, e a minha voz soou áspera, como se precisasse de clarear a garganta.

— Protecções tão poderosas impedem que outros seres fééricos vejam toda a magia contida num sítio. O Frost examinou tudo o melhor que pôde, mas o poder das protecções significa que não sabemos que surpresas místicas poderão aguardar-nos no interior dos muros da propriedade da senhora Reed — ele estava a falar de coisas banais, mas a sua voz continuava a transparecer aquele tom ligeiramente meigo. Se fosse outra pessoa, teria dito que se devia a um sentimento de pena.

— Estás a dizer que não devíamos entrar? — indaguei. Retirei a minha mão do aperto de Frost.

— Não, eu concordo que o anseio dela em ver-te, ver-nos a todos, é algo intrigante.



A carrinha parou perante um sinal stop no exterior de um portão alto. Rhys virou-se no banco o máximo que o seu cinto de segurança permitiu.

— Eu voto em irmos para casa. Se o rei Taranis descobre que falámos com ela, vai ficar furo. O que é que poderemos descobrir que valha tanto a pena arriscar?

— O facto de ela ter sido banida foi um grande mistério na altura em que aconteceu — disse Doyle.

— Sim — disse Frost. Deslizou para trás no seu banco, com um olhar distante, como se estivesse a isolar-se de mim. Eu afastara-me e Frost não reagiu bem a isso. — Corria o boato de que ela seria a próxima rainha Seelie e, depois, de repente, foi exilada.

Ele afastou a perna dele da minha, distanciando-nos fisicamente. Observei como o rosto dele se tornou frio, sério e arrogante, a velha máscara que usara na corte durante todos aqueles anos e eu não a suportava. Peguei-lhe na mão. Ele franziu-me o sobrolho, claramente confuso. Eu levei os nós dos dedos dele até aos meus lábios e beijei-os, um por um, até o deixar sem fôlego. Pela segunda vez hoje, tinha os olhos marejados de lágrimas. Mantive os olhos muito abertos e bastante imóveis, e consegui não chorar.

Frost estava de novo sorridente, visivelmente aliviado. Eu estava contente por ele estar feliz. Devemos sempre desejar que as pessoas que amamos sejam felizes. Rhys simplesmente olhou para nós, com uma expressão facial neutra. Ontem à noite fora a vez dele, hoje seria a vez de Frost, e Rhys não tinha qualquer problema em relação a isso.

O olhar de Doyle encontrou-se com o meu e o seu rosto não apresentava uma expressão neutra, mas sim preocupada. Kitto ergueu o olhar a partir do chão e não consegui depreender nada das faces dele. Apesar de se parecer tanto com um Sidhe, não o era, e havia alturas em que eu não fazia a mínima ideia do que ele estaria a pensar ou sentir. Frost segurava na minha mão e estava feliz por isso. Feliz por não lhe ter virado costas. De todos, apenas Doyle pareceu estar a entender o que eu estava a sentir e a pensar.

— O que é que interessa porque é que ela foi exilada? — perguntou Rhys.

— Talvez não interesse — disse Doyle — ou talvez interesse muito. Não o saberemos até o perguntarmos.

Pestanejei-lhe.

— Perguntar, perguntar assim, sem mais nem menos, sem se ser convidado a perguntar algo tão pessoal?

Ele assentiu.

— A Meredith é Sidhe, mas também é, em parte, humana. Pode perguntar tudo aquilo que nós não podemos.

— Tenho educação suficiente para não fazer perguntas descaradas — retorqui.

— Nós sabemos que tendes educação, mas a Maeve Reed não.

Fixei o olhar nele. Os dedos de Frost esfregavam os nós dos meus dedos ininterruptamente.

— Estás a dizer que devia fazer de conta que não perceberia o que estava a fazer?

— Estou a dizer que devíamos usar todas as armas de que dispomos. A sua herança mista hoje pode ser uma vantagem decisiva.

— Seria quase o mesmo que mentir, Doyle — disse eu.

— Quase — concordou ele, depois aquele seu ligeiro sorriso frisou-lhe os lábios. — Os Sidhe nunca mentem, Meredith, no entanto, omitir a verdade é um passatempo há muito respeitado entre nós.

— Tenho perfeita noção disso — disse eu. A minha voz continha sarcasmo suficiente para encher a carrinha.

O seu sorriso disparou uma brancura repentina na escuridão do rosto dele.

— Tal como todos nós, princesa, tal como todos nós.

— Acho que não vale a pena correr o risco — disse Rhys.

Abanei a cabeça.

— Já conversámos sobre isto, Rhys. Eu acho que vale a pena — olhei para Frost. — E tu?

Ele virou-se para Doyle.

— O que achas? Jamais arriscaria a segurança da Meredith fosse por que fosse, mas precisamos desesperadamente de aliados, e uma Sidhe que tenha estado exilada do mundo das Fadas durante um século pode estar disposta a arriscar muita coisa para voltar.

— Estás a sugerir que a Maeve quer ajudar a Meredith a chegar a rainha? — Doyle proferiu as palavras de um modo semi interrogativo e semi-afirmativo.

— Se a Meredith se tornasse rainha, poderia oferecer o regresso ao nosso mundo à Maeve. Acho que o Taranis não arriscaria entrar em guerra total só por causa do regresso de um exilado.

— Achas mesmo que um membro da realeza da corte Seelie estaria disposto a ir para a corte Unseelie? — perguntei.

Frost baixou o olhar para mim.

— Sejam lá os preconceitos que a Maeve possa ter tido contra os Unseelie, o que interessa é que ela não tem sentido o toque de mãos feéricas desde há um século — ele levantou a minha mão até à boca dele e beijou todas as pontas dos meus dedos, respirando sobre cada um deles antes de me tocar. Fez com que me arrepiasse toda, dos pés à cabeça. Falou com a boca quase colada à minha pele:

— Sei o que é desejar o toque de outro Sidhe e este ser-nos negado. Pelo menos, eu tinha o resto da corte e das fadas para me consolar. Não consigo sequer imaginar a solidão por que ela passou todos estes anos — a última frase foi dita num murmúrio. Os olhos dele haviam-se tornado no cinzento consistente das nuvens carregadas de chuva.

Tive de fazer um enorme esforço, mas desviei a minha atenção de Frost para olhar para Doyle.

— Achas que ele tem razão? Achas que ela está a tentar arranjar uma forma de voltar para o mundo feérico?

Ele encolheu os ombros, fazendo com que o cabedal do seu casaco rangesse com o movimento.

— Sabe-se lá! Só sei que após um século isolado, eu, certamente, tentaria.

Acenei afirmativamente com a cabeça.

— Então, está bem, estamos de acordo. Entramos.

— Não estamos nada de acordo — retorquiu Rhys. — Vou entrar sob protesto.

— Está bem, protesta lá tudo o que quiseres, mas estás em desvantagem.

— Se nos acontecer algo de realmente mau lá dentro, terei o direito de te dizer «Eu avisei»!

Assenti com a cabeça.

— Se sobrevivermos tempo suficiente para o dizeres, estás à vontade.

— Minha Deusa, se morrermos assim tão depressa, terei de regressar para te assombrar.

— Se houver ali dentro alguma coisa capaz de te matar, Rhys, eu morrerei muito antes de ti.

Mesmo através da barba falsa, vi que ele me dirigiu um semblante carregado.

— Isso não é nada reconfortante, Merry, nada de nada — contudo, ele virou-se para os portões gigantescos e debruçou-se sobre a sua janela aberta para pressionar o botão do intercomunicador e anunciar a nossa presença. Apesar de eu apostar em como ela sabia que nós lá estávamos. Ela tivera quarenta anos para lançar feitiços a esta propriedade. Conchenn, deusa da beleza e do carisma, sabia que estávamos aqui.



## CAPÍTULO 7

Ethan Kane não era tão alto quanto parecia. Na realidade tinha praticamente a mesma altura de Rhys, todavia, parecia sempre ser maior, como se ocupasse mais espaço de uma forma que nada tinha que ver com o tamanho físico. O seu cabelo curto era castanho-escuro, era quase, quase preto. Usava óculos sem armação, por isso, praticamente não se viam no rosto dele. Ethan deveria ter sido atraente. Tinha ombros largos, uma complexão atlética, maxilares robustos e uma covinha profunda no queixo. Os olhos por trás dos óculos eram pestanudos e da cor de avelãs. As suas roupas eram feitas à medida, por isso, ele encaixava bem com as estrelas com quem costumava andar. Tinha tudo a seu favor, excepto a personalidade. Parecia estar sempre em desacordo com algo; todo o seu charme era-lhe roubado por uma eterna expressão carrancuda.

Estava de pé, com uma mão a agarrar o pulso oposto, de pés bem afastados, equilibrado. Franziu-nos o sobrolho a partir do exterior das enormes portas duplas de Maeve. Estávamos todos na base dos degraus de mármore que davam até àquelas portas. Os homens de Ethan estavam todos alinhados entre a amplitude graciosa de colunas brancas que suportavam o telhado do alpendre estreito de Maeve. Era gigantesco e majestoso, mas não tinha espaço para cadeiras onde se pudesse beber um chá gelado nas noites quentes de Verão. Era um alpendre para ser admirado, não para ser desfrutado.

Quatro homens, músculo obviamente contratado, estavam alinhados nos degraus entre nós e Ethan e a porta. Reconheci um deles. Max Corbin estava perto dos cinquenta anos. Fora guarda-costas em Hollywood durante grande parte da sua vida adulta. Tinha cerca de 1,83 m e uma constituição física parecida com uma caixa: todo ele era ângulos, quadrados; incluindo as mãos, cujos nós dos dedos eram enormes. O seu cabelo grisalho tinha um longo corte masculino, o que o tornava elegante e na moda,

contudo, Max tinha o mesmo corte de cabelo há quarenta anos. O seu nariz tinha sido severamente partido tantas vezes que era torto e só um pouco achatado. Provavelmente, poderia ter trocado o fato de alta-costura por uma rinoplastia e ter melhorado o aspecto do nariz, mas Max achava que lhe dava uma aparência mais austera. Era verdade.

— Olá, Max! — disse eu.

Ele acenou-me com a cabeça.

— Senhora Gentry, ou deverei dizer princesa Meredith?

— Senhora Gentry está muito bem.

Ele sorriu, num lampejo de bom humor, antes de a voz de Ethan nos interromper e de o rosto de Max voltar para a expressão estática de guarda-costas. Aquela expressão que nos diz que não estamos a ver nada e que não nos lembraremos de nada, e que vemos tudo e reagiremos num pestanejar de olhos. Conosco os vossos segredos estão a salvo, tal como também o estão os vossos corpos. Guarda-costas com a fama de tagarelar com a imprensa, ou com outras pessoas, não trabalham em Hollywood.

— O que estás aqui a fazer, Meredith?

Ethan e eu não nos conhecíamos assim tão bem para nos tratarmos pelo primeiro nome, mas não fazia mal, porque eu ia fazer exactamente o mesmo com ele.

— Estamos aqui a convite da senhora Reed, Ethan. Porque é que tu estás aqui?

Ele pestanejou, flectindo os ombros muito ligeiramente, demonstrando que algo estava a incomodá-lo, ou então era o coldre de ombro que não lhe assentava muito bem.

— Nós somos os guarda-costas da senhora Reed.

Acenei afirmativamente com a cabeça.

— Já o imaginava. Não devem estar cá a trabalhar há muito tempo.

— Porque é que dizes isso?

Senti o sorriso alargar-se.

— Tens cá a maior parte dos teus homens. Se a Kane & Hart estivesse assim tão ocupada, nós teríamos muito mais procura.

O seu semblante ficou ainda mais carregado.

— Tenho muito mais do que apenas quatro colaboradores, Meredith, e tu sabes disso. — Proferiu o meu nome como se fosse uma palavra feia.

Assenti. Eu sabia-o.

— Há algum motivo pelo qual estejam a manter-nos cá fora, Ethan? A senhora Reed estava muito preocupada em ver-nos ainda hoje, não de noite, mas de dia — olhei de relance para o Sol que se afundava para lá de um grupo de eucaliptos perto da amplitude distante do muro. — Já estamos no final da tarde, Ethan. Se nos mantiveres aqui por muito mais tempo, vai

anoitecer — estava a exagerar, ainda tínhamos algumas horas de luz solar, mas já estava farta de estar ali de pé.

— Diz-me ao que vens e talvez vos deixemos entrar — disse Ethan.

Suspirei. Estava prestes a ser desagradável, mesmo para um ser humano, seria muito mais desagradável para um ser feérico, contudo, estava-me nas tintas para isso. Queria ir embora para algum sítio sossegado e pensar. Frost estava um pouco para trás e para um dos lados e Doyle espelhava-o, mas, de certa forma, estavam ambos posicionados de modo que ficassem de frente para os guarda-costas nos degraus. Rhys estava praticamente à frente de Max, sorrindo-lhe abertamente. Max era quase tão fã de Humphrey Bogart quanto Rhys. Eles haviam passado uma longa tarde juntos, presos num trabalho de segurança pessoal para clientes diferentes, e haviam conversado sobre trivialidades do cinema *noir*. Eram amigos desde então.

Kitto não enfrentou o guarda-costas que restava. Ficou só um pouco atrás de mim, quase escondido, mas não muito. Ele parecia estranhamente deslocado, com os seus calções, a sua camisola de alças e as suas *Nike* de tamanho para criança. Colocara uns óculos de sol, no entanto, e apesar disso, poderia ter passado como sendo o sobrinho de alguém, do tipo de pessoa que normalmente não é sobrinho nenhum, mas sim um namorado muito mais novo. Kitto sempre conseguira dar a sensação de ser subserviente, o brinquedo de alguém, ou vítima. Eu não fazia ideia de como ele tinha sobrevivido no meio dos duendes.

Observei como todos se enfrentavam e Ethan de pé nos degraus, qual versão ligeiramente mais alta de Napoleão, e abanei a cabeça.

— Ethan, tu queres saber porque é que a senhora Reed nos chamou, quando já vos contratou a vocês. Estás a perguntar-te se vocês não estarão prestes a serem substituídos.

Ele começou a reclamar.

Eu disse:

— Ethan, por favor, guarda o teu discurso para alguém que esteja minimamente interessado. Vou poupar-te dos teus joguinhos de poder. A senhora Reed não nos disse exactamente porque é que nos quer aqui, mas ela queria falar comigo, não com os meus guardas, portanto, penso que todos temos razão em achar que ela não nos quer para desempenhar o papel de guarda-costas.

Se ele franzisse o sobrolho ainda mais, iria parecer que realmente lhe doeria a testa.

— Nós não fazemos só trabalhos de guarda-costas, Meredith. Também somos detectives. Para que é que ela precisa de vocês?

O que ficou por dizer, assim que nos apercebemos disso, ficou suspenso entre nós. Encolhi os ombros.

— Não sei, Ethan, a sério que não sei. Mas, se nos deixares entrar, podemos descobrir isso juntos.

O semblante carregado foi-se suavizando lentamente, deixando o seu rosto mais jovem e baralhado.

— Isso é quase... simpático da tua parte, Meredith. — Depois, pareceu desconfiado, como se se perguntasse qual era o truque que eu tinha na manga.

— Consigo ser muito simpática, quando as pessoas me dão oportunidade para isso, Ethan.

Max falou baixinho, de modo que Ethan não o ouvisse.

— E quão simpática consegues ser?

Rhys respondeu, de voz baixa:

— Muito, muito simpática.

Ambos partilharam uma daquelas gargalhadas masculinas, das quais as mulheres nunca parecem fazer parte, mas são sempre o motivo das mesmas.

— O que é que é tão engraçado? — perguntou Ethan, novamente com um ar severo e voz trapaceira.

Max abanou a cabeça, como se não confiasse em si próprio para falar. Rhys respondeu mesmo.

— Estávamos só a cumprimentar-nos, senhor Kane.

— Não somos pagos para nos andarmos para aqui a cumprimentar, somos pagos para manter os clientes a salvo. — Olhou-nos de tal maneira que, de certa forma, nos alcançou a todos de uma só vez. — Seríamos guarda-costas muito reles, se vos deixássemos entrar a todos, e especialmente armados.

Abanei a cabeça.

— Tu sabes que o Doyle não vai permitir que eu vá a lugar algum sem guarda-costas e também sabes que eles não te entregarão as armas deles.

Ele sorriu. Um sorriso desagradável.

— Então não entram.

Estando ali de pé naquela entrada de piso bem duro em cima dos meus saltos de mais de sete centímetros, sob o Sol que começava a fazer com que a transpiração se acumulasse sobre a minha pele, simplesmente não me apetecia armar confusão. Então, provavelmente, fiz a coisa menos profissional que jamais fizera. Comecei a gritar com toda a força:

— Maeve Reed, Maeve Reed, vem brincar cá para fora! É a princesa Meredith e a sua comitiva. — Continuei a gritar a primeira parte. — Maeve Reed, Maeve Reed, vem brincar cá para fora!

Ethan tentou gritar por cima de mim, mas eu tivera treino de voz, anos a falar em público: eu era bem mais ruidosa. Nenhum dos homens de

Ethan sabia o que fazer. Eu não estava a ferir ninguém, estava meramente aos gritos. Após cinco minutos de confusão uma mulher jovem abriu a porta. Era Marie, a assistente pessoal da senhora Reed. Se gostaríamos de entrar? Sim, gostaríamos. Demorámos mais dez minutos até conseguirmos passar por aquela porta, porque Ethan queria ficar com as nossas armas. Foi preciso Marie dar-lhes a entender que a senhora Reed os despediria a todos para que Ethan recuasse.

Max e Rhys estavam de tal modo às gargalhadas que tivemos de os deixar lá fora, apoiados um no outro como um par de bêbedos. Pelo menos, alguém estava a divertir-se.





## CAPÍTULO 8

A sala de estar de Maeve Reed era maior do que o meu apartamento inteiro. Um tapete branco-pérola estendia-se, qual oceano baunilha, pelos degraus abaixo até à sala de estar de chão rebaixado e uma lareira suficientemente grande para assar pequenos elefantes. A própria cornija ocupava grande parte de uma parede estucada, pintada de branco, com tijolos vermelhos e castanho-claros que pontuavam a sua brancura áspera. Um sofá modular branco, com capacidade para acomodar vinte pessoas, curvava-se diante da lareira. Almofadas de tons castanho-claros, dourados e brancos haviam sido atiradas para cima deste de forma habilidosa. Havia um conjunto de cadeiras brancas com uma pequena mesa de madeira pálida entre elas. Entre duas cadeiras, repousava um tabuleiro de xadrez com peças enormes e um candeeiro de pé curvado de estilo *Tiffany* proporcionava salpicos de cor na sala que, sem este, seria monocromática.

De um dos lados da lareira, havia um quadro que ecoava as cores do candeeiro e, dispostas no canto da parte elevada da sala, no lado oposto à entrada, estava um segundo grupo de poltronas brancas e almofadas. No centro das poltronas, estava uma enorme árvore de Natal branca. A árvore estava coberta por luzinhas brancas e enfeites dourados e prateados que, supostamente, deveriam dar mais vida à sala, mas não davam. A árvore era só mais um elemento decorativo sem qualquer vida. Uma mesa, que fora empurrada para um lado para dar espaço à árvore de Natal, continha algo parecido com limonada e chá frio em jarros altos. Mais uns quantos quadros estavam espalhados pela sala. A maioria condizia com a paleta de cores do candeeiro. A sala gritava a decorador de interiores e, provavelmente, não dizia nada acerca de Maeve Reed, à exceção de ter dinheiro para permitir que outras pessoas lhe decorassem a casa. Quando alguém não tem uma única coisa que não combine numa sala, até ao mais ínfimo pormenor das luzinhas da árvore de Natal, então não é genuíno. É só para fazer de conta.

Marie era alta, esbelta, trazia um lustroso fato de calças branco pérola que não favorecia em nada a sua pele cor de azeitona nem o seu cabelo moreno e curto. Com as suas botas de saltos altos tinha um pouco mais de 1,83 m, uma rapariga alta e sorridente de vinte e poucos anos.

— A senhora Reed juntar-se-á a nós dentro de breve instantes. Alguém aceita uma bebida? — moveu-se em direcção à mesa onde estavam o chá e a limonada.

Efectivamente, teria sabido muito bem, todavia, existia uma regra que ditava que nunca se deve comer nem beber nada oferecido por outro ser feérico sem antes nos certificarmos de que este não pretende prejudicar-nos em nada. Não era com veneno que tínhamos de nos preocupar, mas sim com feitiços, ou umas poçõezinhas misturadas com os limões.

— Obrigada... Marie, não é? Estamos bem — respondi.

Ela sorriu, acenou afirmativamente com a cabeça.

— Então, por favor, sentem-se! Fiquem à vontade enquanto aviso a senhora Reed que estão aqui — ela desceu os degraus e atravessou a sala com uns graciosos passos largos até a uma abertura no lado oposto, esta dava para uma entrada branca que desaparecia algures bem para o interior da casa.

Olhei de relance para Ethan e os seus dois capangas. Ele deixara um dos seus homens lá fora com Max e Rhys. Marie não lhes oferecera bebidas, pelo que deduzo que não se tenha de entreter a ajuda contratada. O que me fez pensar: se não íamos ser contratados, então o que estávamos aqui a fazer? Será que Maeve Reed realmente só pretendia receber visitas de outros Sidhe da realeza? Arriscaria ela quebrar um tabu de um século apenas para meter conversa? Não me parecia, mas já vira membros da realeza fazer coisas bem mais parvas por muito menos.

Desci os degraus até ao enorme sofá modular. Kitto seguiu-me qual sombra. Olhei para trás de relance para os homens.

— Venham lá, rapazes! Vamo-nos sentar e fazer de conta que gostamos todos uns dos outros — afastei-me cerca de dois metros da ponta do sofá e sentei-me, ajeitando as almofadas castanho-claras e douradas e alisando a minha saia.

Kitto enroscou-se aos meu pés, apesar de, sabe-o bem a Deusa, haver sofás suficientes para toda a gente. Não o obriguei a levantar-se, porque consegui ver o seu nervosismo, mesmo através dos óculos escuros. A grande sala de estar branca parecera ter desencadeado a sua agorafobia. Sentou-se, encostado às minhas pernas, envolvendo-as com um braço como se eu fosse o seu ursinho de pelúcia gigante.

Os homens continuavam de pé na enorme arcada, mirando-se mutuamente.

— Meus senhores — chamei eu —, vamo-nos sentar, todos!

— Um bom guarda-costas jamais descontraí enquanto trabalha — retorquiu Ethan.

— Tu sabes que não somos nenhuma ameaça para a senhora Reed, Ethan. Não sei de quem é que é suposto estares a protegê-la, mas, certamente, não é de nós.

— Eles até podem enganar a imprensa, mas eu sei muito bem o que eles são, Meredith — disse Ethan.

— E o que somos? — a voz profunda de Doyle ribombou por toda a sala, produzindo ecos na arcada.

Ethan chegou mesmo a saltar.

Tive de virar a cara para esconder o meu sorriso.

— Vocês são Unseelie. — Ethan pronunciou aquela última palavra muito lentamente, tornando-a num sibilo.

Olhei de novo para eles. Doyle permaneceu de pé, de frente para ele, de costas para mim. Eu não conseguia perceber o que ele estava a pensar. E, provavelmente, não teria sido capaz mesmo que lhe tivesse visto o rosto. De entre todas as pessoas que eu já conhecera, Doyle era a que melhor fazia uma expressão neutra. Frost estava mais perto do capanga desconhecido, o rosto dele apresentava a máscara arrogante que usava na corte. Até o novo capanga se mantinha de expressão neutra, à excepção de uma certa palpitância em volta dos olhos. Ethan, porém, demonstrava um tremor furioso nas mãos. Estava a olhar fixamente para Doyle como se o detestasse.

— Só estás com inveja, Ethan. Com inveja de a maioria das principais estrelas preferir ter atrás de si um guerreiro Sidhe em vez de te terem a ti.

— Vocês enfeitiçaram-nas — retorquiu ele.

Ergui uma sobrancelha perante aquela afirmação.

— Até a mim?

Ele fez um pequeno gesto de raiva na direcção dos dois guerreiros. Penso que teria feito aquele gesto com uma maior magnitude, mas teve receio de como Doyle reagiria.

— Eles fizeram-no!

— Ethan, Ethan — uma outra voz masculina chamou-o do outro lado da sala. — Já te disse que isso não é verdade — num vislumbre, apenas soube que era um dos irmãos Hart. Só tive a certeza que era Julian Hart quando este já estava a descer os degraus, vindo na minha direcção. Jordan e Julian eram gémeos idênticos. Ambos tinham cabelo castanho, cortado muito curto nos lados e um pouco mais longo no centro de modo a puderem espetá-lo com gel, muito fixe, muito actual. Ambos mediam 1,83 m, ambos eram suficientemente atraentes para serem modelos, o que haviam sido quando tinham vinte e poucos anos para juntarem dinheiro com o intuito

de criarem a sua agência de detectives. Julian trazia um casaco feito de um cetim *bordeaux*, sobre umas calças vulgares, mas de alta-costura, às riscas *bordeaux* e castanhas. Trazia uns mocassins pretos, brilhantes, sem meias, o que permitiam que se vislumbrasse os seus pés bronzeados à medida que ele se movia graciosamente pela sala. Os seus olhos estavam escondidos por um par de óculos amarelos que em qualquer outra pessoa teriam ficado horrivelmente com aquela toilette; em Julian, porém, ficavam mesmo bem.

Comecei a levantar-me para o cumprimentar, mas ele disse:

— Não, não, minha bela Meredith, deixa-te estar sentada, eu vou aí! — ele contornou o sofá, olhando intermitentemente para os quatro homens de pé na arcada. — Ethan, querido, já te disse vezes sem conta que os guerreiros Sidhe não andam a fazer nada para nos roubar o trabalho. Eles são simplesmente mais exóticos, mais bonitos do que qualquer um dos nossos colaboradores — pegou na minha mão e deu-lhe um beijo indiferente, antes de se atirar graciosamente para o meu lado, colocando um braço sobre os meus ombros de tal maneira que parecíamos um casal.

Ele falou para trás, por cima do ombro dele.

— Já sabes como é Hollywood, Ethan. Qualquer estrela que seja protegida por um guerreiro tem publicidade garantida. Acho que há pessoas a inventar coisas, só para serem escoltadas.

— É o que me tem acontecido — disse Frost. O capanga sem nome que estava mais perto dele recuou. Que histórias teria Ethan andado a contar aos outros acerca dos Unseelie?

— E quem não desejaria ser escoltado por si, Frost? — disse Julian.

Frost limitou-se a olhar para ele, de olhos cinzentos muito quietos.

Julian riu-se e abraçou-me.

— És a rapariga mais sortuda que conheço, Merry. Tens a certeza que não queres partilhar?

— Como está o Adam?

Julian riu-se.

— O Adam está absolutamente maravilhoso — e voltou a rir-se. Adam Kane era o irmão mais velho de Ethan e namorado de Julian. Fazia agora pelo menos cinco anos que eram um casal. Quando estavam em privado, onde não recebiam comentários hostis da parte de estranhos, ainda se comportavam como recém-casados.

Julian agitou a mão pelo ar.

— Venham, meus senhores, venham sentar-se!

Olhei para trás de relance. Ninguém se movera.

— O Doyle e o Frost não sairão do mesmo sítio enquanto o Ethan e o homem novo não o fizerem.

Julian virou-se para os observar a todos.

— Frank — disse Julian —, o nosso membro mais recente — o homem era alto, esguio e parecia ser ainda novo: tinha uma aparência jovem, ingénua e inexperiente. Não se parecia com um «Frank». Talvez se parecesse com um «Cody», ou um «Josh».

— Prazer em conhecê-lo, Frank — disse eu.

O olhar de Frank passou de mim para o ainda carrancudo Ethan; por fim, acenou ao de leve com a cabeça. Parecia inseguro quanto ao facto de conseguir manter o seu trabalho caso fosse simpático connosco.

— Ethan — chamou Julian —, todos os sócios seniores discutiram sobre as tuas teorias quanto aos guerreiros Sidhe. Tu ficaste em minoria — a voz dele perdera todo aquele tom de gozo e soava agora de uma forma baixa e séria e preenchida por algo semelhante a uma ameaça.

Perguntei-me qual seria a ameaça. Ethan Jane era um dos fundadores da empresa deles. Poder-se-ia despedir um sócio?

— Ethan — disse Julian —, senta-te — a voz dele transmitiu um tom de comando que eu jamais ouvira. Por um breve instante, pensei que me tivesse enganado no gémeo. Jordon era mais propenso a recorrer à força, enquanto Julian era mais do género de diplomata brincalhão. Examinei o seu perfil e, não, a covinha era um pouco mais profunda perto do canto da boca dele, as maçãs do rosto eram menos esculpidas. Era Julian. O que se passaria nos bastidores da Kane & Hart para que a voz dele adquirisse tamanha dureza?

Fosse o que fosse, foi o suficiente, porque Ethan começou a descer os degraus. Frank seguiu-o. Doyle e Frost observaram-nos por um momento, depois seguiram-nos devagar pela sala. Ethan sentou-se na parte do sofá oposta a mim. Frank sentou-se como se não tivesse a certeza se lhe era permitido fazê-lo, colocando-se suficientemente longe de Ethan para lhe dar mais espaço.

Doyle sentou-se do meu outro lado, do lado oposto a Julian. Ele fizera questão em sentar-se ali e obrigar Frost a sentar-se num lugar a seguir. Ele sussurrara: «A Meredith tem de estar concentrada.» De repente, apercebi-me de que já há algum tempo que me chamava Meredith. Normalmente, para ele, eu era «princesa» ou «princesa Meredith», apesar de, no início, quando viéramos para Los Angeles, me tratar por Meredith. Ele distanciara-se através da linguagem mais ou menos na mesma altura em que o fez fisicamente.

Era bastante óbvio que Frost não estava nada satisfeito com a disposição das pessoas nos sofás, mas eu duvidava de que mais alguém, além de um de nós, se apercebesse disso. A tensão nos ombros dele dizia tudo, se soubéssemos com quem estávamos a lidar. Eu passara muito tempo a aprender a lidar com Frost. Doyle conhecia os estados de espírito de todos

os seus homens, tal como qualquer bom líder. Kitto poderia ser abstraído, contudo era muito difícil perceber em que é que o pequeno duende tinha reparado e no que não tinha.

Julian permaneceu encostado a mim, muito mais perto de mim do que Doyle, apesar de ter afastado a mão dele de modo que o ombro de Doyle tocasse no meu. Isso também fizera com que a mão de Julian repousasse sobre a parte posterior do sofá, tocando nas costas de Doyle.

Julian estava apaixonado por Adam, disso sabia eu, mas também sabia que ele não estava a brincar quanto ao facto de eu partilhar os meus homens com ele. Talvez ele e Adam tivessem um acordo especial, ou talvez ninguém fosse capaz de estar por perto dos Sidhe sem imaginar algo. Talvez.

Julian estava agora mais tenso, mais sossegado, ao meu lado, como se estivesse a tentar concentrar-se para não mexer muito a mão. Doyle toleraria o toque, mas não se fosse demasiado descarado. Doyle tinha exactamente as mesmas regras para homens indesejados que as que tinha para mulheres indesejadas. Um celibato forçado de centenas de anos fizera com que Doyle, e muitos outros guardas, criasse regras nada típicas de seres feéricos acerca do contacto físico. Se não se pudesse levar o acto até ao fim, então as provocações eram equiparadas a tortura. Rhys sempre tivera regras diferentes, bem como Galen: eles preferiam pouco a absolutamente nada.

Ethan olhou para os dois guardas, ficando com o semblante ainda mais carregado. Os olhos dele pularam para Kitto e o seu rosto transpareceu repugnância.

— Qual é o teu problema, Ethan? — perguntei eu.

Ele piscou os olhos e fixou o olhar em mim.

— Simplesmente, não gosto de monstros, não importa quão bonitos possam eles ser.

Julian retirou o braço do sofá e chegou-se para a frente, inclinando-se na direcção do outro homem.

— Vou ter de te mandar para casa?

— Não és meu pai... nem meu irmão — aquelas últimas palavras foram proferidas com bastante fúria. Será que Ethan tinha alguma coisa contra o facto de Julian namorar com o irmão dele?

Julian recostou-se um pouco, com a cabeça de lado como se tivesse acabado de ter uma ideia.

— Não vamos expor os nossos negócios privados em frente de ninguém, não importa o quão encantadores possam ser. Mas se não és capaz de lidar com este trabalho, chamo o Adam e vocês trocam de posições. Ele não se importará em ter a Meredith aqui.

— Ele não se importa com muitas coisas — retorquiu Ethan dirigindo a sua raiva directamente a Julian.

— Vou ligar ao Adam e vou dizer-lhe que vais ter com ele — Julian retirou um pequeno telemóvel de um bolso do interior do seu casaco.

— Estou encarregue deste trabalho, Julian. Tu estás aqui só para o caso de precisarmos de reforços mágicos.

Julian suspirou, olhando para o pequeno telemóvel que tinha na mão.

— Se estás encarregue, Ethan, então age como tal. Porque neste momento só estás a envergonhar-te em frente destas boas pessoas.

— Pessoas? — Ethan levantou-se, dando o seu melhor para se elevar o mais que pudesse sobre nós. — Isto não são pessoas, não são humanos.

Ouviu-se uma voz claramente sonora vinda de trás de Ethan.

— Bem, se é isso que pensa, senhor Kane, então talvez tenha cometido um erro ao contratar a sua agência.

Maeve Reed estava de pé na entrada, na borda do oceânico tapete cor de baunilha. Não parecia contente.



## CAPÍTULO 9

**M**aeve Reed recorrera a magia para parecer mais humana. Era alta, esguia, com um pequeno volume de ancas à mostra, que lhe estragava a linha das suas calças de fato beges. A sua camisa de mangas compridas de um dourado pálido estava desabotoada até ao meio do peito, proporcionando tentadores vislumbres de pele bronzeada e uma pontinha de uns pequenos seios firmes. Se eu tentasse usar algo do género, teria chamado a atenção em todo o lado. Ela tinha uma constituição física igual à maior parte dos *top models*, só que não tinha de passar fome, nem de fazer exercício para ter aquele aspecto. Ela era simplesmente assim.

Uma estreita fita castanha mantinha o seu cabelo louro no sítio. O cabelo liso dela caía-lhe até à cintura. A pele dela tinha um bronzeado moderado. Afinal de contas, os imortais não têm de temer o cancro da pele. A sua maquilhagem era tão leve e tão disfarçada que, no início, pensei que nem tivesse nenhuma. Os ossos do seu rosto eram esculpidos e maravilhosos, e os olhos eram de um azul surpreendente, profundo.

Estava bonita à medida que se encaminhava para nós, no entanto, era uma beleza humana. Ela estava a esconder-se de nós. Talvez já fosse do hábito, ou talvez tivesse os seus motivos.

Julian colocou-se de pé para a receber antes ainda de ela chegar ao sofá. Ele sussurrou-lhe ao ouvido, provavelmente, pedindo desculpa por Ethan e pelo seu infeliz comentário de não serem humanos.

Ela abanou a cabeça, fazendo com que os seus minúsculos brincos de ouro tremessem.

— Se ele realmente sente isso em relação aos seres feéricos, então acho que se sentiria melhor a trabalhar noutra sítio qualquer.

Ethan também contornou o sofá.

— Não tenho qualquer problema em relação a si, senhora Reed. A senhora pertence à corte Seelie, aos que concedem beleza e desejos — ele



apontou para nós de uma forma um pouco dramática, achei eu. — Eles são produto de pesadelos e não lhes devia ser permitido entrar nesta casa. São um perigo para si e para todos os que os rodeiam.

— Quantos negócios já perdeste para nós? — perguntei eu e, por algum motivo, à minha voz seguiu-se um súbito silêncio.

Ethan virou-se para mim, provavelmente para me fazer mais algum comentário infeliz. Julian agarrou-o pelo braço. De onde estava sentada, pareceu-me estar a apertá-lo com bastante firmeza. O corpo de Ethan reagiu como se tivesse sido agredido e, por um segundo, pensei que teríamos direito a assistir a uma luta.

— Vai-te lá embora, Ethan! — ordenou Julian, num tom de voz baixo.

Ethan libertou-se de Julian com um empurrão. Fez uma pequena e tensa vénia à senhora Reed. — Eu vou. Mas só quero que compreenda que eu sei que os Seelie são diferentes daquilo que os Unseelie são.

— Há mais de um século que não meto um pé na corte Seelie, senhor Kane. Jamais voltarei a ser membro dela.

Ethan franziu o sobrolho. Acho que pensara que a senhora Reed concordaria com ele. Ele costumava ser sério e desagradável, mas nunca a este nível. Nós devíamos estar mesmo a prejudicar-lhe os negócios.

Ethan atrapalhou-se ao tentar dar mais algumas desculpas, de seguida saiu como um furacão. Depois de a porta bater com força por trás dele, perguntei:

— Ele é sempre assim?

Julian encolheu os ombros.

— O Ethan não gosta de muita gente.

— Estou a sentir-me terrivelmente negligenciada, Julian, por causa da partida do Ethan e tudo mais — disse Maeve.

Pestanejei ao olhar para o rosto sorridente e cuidadosamente bonito dela. Ela parecia tão sincera que até os seus olhos muito, muito azuis brilhavam com toda aquela sinceridade. Estava só a esforçar-se um pouco para ser encantadora e humana. Teria sido muitíssimo mais fácil ser encantadora se não usasse o *glamour* que estava a desperdiçar para parecer humana — em vez de desumanamente — bonita.

Julian fitou-me, depois voltou o seu ser absolutamente sorridente para Maeve Reed. À sua maneira, Julian também estava a usar o seu charme. Apercebi-me que ele também possuía o seu próprio *glamour*. Podia até ser magia verdadeira e consciente, mas eu duvidava. A maioria do *glamour* pessoal que acarreta carisma realiza-se de uma forma acidental nos humanos. Na maior parte das vezes.

Observei-os a realizar um pequeno trabalho de brilho um no outro e apercebi-me que o charme não nos era dirigido a nós. Olhei para trás de

relance, para Frank. Ele tinha os olhos fixos nela como se nunca tivesse verdadeiramente visto uma mulher, ou pelo menos não uma como aquela. Maeve Reed estava a tentar ser desumanamente charmosa, mantendo, porém, a sua beleza humana perante os seus guarda-costas humanos, não perante nós. Se o espectáculo tivesse sido para nós, teria usado muitos mais efeitos especiais.

— Senhora Reed — precipitou-se Julian, avançando para lhe pegar no cotovelo e guiando-a para longe de nós —, nós jamais a negligenciaríamos. Não só é nossa cliente, como também o bem mais precioso que alguma vez nos pediram para proteger. Nós daríamos as nossas vidas por si. Que mais podem os homens fazer quando veneram uma mulher?

Achei que ele estava a exagerar um bocado nos elogios, todavia, eu nunca passara tempo algum com Maeve Reed. Talvez ela gostasse que exagerassem nos elogios.

Ela ficou um pouco corada, algo que eu soube ser um acto mágico e irreal. Conseguia senti-lo no ar. Por vezes, as alterações físicas mais simples são as que exigem o uso de mais magia. Ela fez deslizar o braço por entre o braço dele e baixou a voz o suficiente para que não se ouvisse o que ia dizer. Ah, mas nós podíamos ter ouvido sem ela saber, contudo, isso teria sido uma falta de educação e ela, possivelmente, teria reparado no feitiço. Nós não queríamos contrariar a deusa; ainda não, pelo menos.

Eles viraram-se para nós, ambos sorridentes, ambos charmosos, com ela apoiada firmemente no braço dele. Algo nos olhos de Julian tentava transmitir-me uma mensagem, mas eu não conseguia visualizá-lo muito bem por causa dos seus óculos amarelos da moda.

— A senhora Reed convenceu-me a permanecer do lado dela durante a vossa visita. — Ergueu uma sobrancelha enquanto falava.

E, finalmente, percebi a mensagem. A senhora Reed tinha contratado a Kane & Hart para a protegerem de nós. Ela tinha medo da corte Unseelie, medo suficiente para não ficar sozinha connosco, sem reforços, quer mágicos, quer físicos. Apesar de a sua magia tamborilar por toda a casa, propriedade, paredes, ela temia-nos. Presumir-se-ia que os seres feéricos não eram supersticiosos, principalmente em relação a outros seres feéricos, não obstante, eram-no com bastante frequência. O meu pai dizia que se devia ao facto de não se conhecer quase nada acerca das outras culturas feéricas, além da cultura em que se nascia. A ignorância gera o medo.

Havia tanta magia no interior das paredes de Maeve Reed que eu praticamente a deixara de “ouvir” assim que passámos os portões. Era uma habilidade que se aprendia quando se passava demasiado tempo exposto a poderosas magias bruaá. Havia a necessidade de se diminuir o seu impacto, caso contrário passar-se-ia o tempo todo a sentir a magia constante à

nossa volta, e amortecia-nos relativamente a novos feitiços, a perigos mais imediatos. Era semelhante a ser-se bombardeado por centenas de estações de rádio ao mesmo tempo. Se tentássemos ouvi-las todas, acabaríamos por não ouvir nenhuma.

Olhei para o rosto sorridente e ilegível de Maeve Reed e abanei a cabeça. Virei-me para olhar para Doyle. Tentei perguntar-lhe com o olhar e o rosto o quão rude e humana eu poderia ser hoje.

Ele pareceu entender, porque acenou afirmativamente, muito ao de leve, com a cabeça. Depreendi que aquilo queria dizer que eu poderia ser mal-educada e humana quanto quisesse. Esperei que fosse isso o que aquele aceno queria dizer, porque eu estava prestes a cometer vários insultos fatais à deusa dourada de Hollywood.



## CAPÍTULO 10

Contornei o sofá para saudar a deusa. Kitto seguiu-me e tive de o obrigar a ficar junto ao sofá. Se o deixasse fazer tudo o que ele queria, ele teria permanecido colado à minha perna como um cachorrinho exageradamente leal.

Sorri na direcção de Maeve e Julian.

— É para mim uma enorme honra conhecê-la, senhora Reed — estendi a mão e ela retirou a mão dela do braço de Julian o suficiente para apertar a minha.

Só me deu as pontas dos dedos; foi mais um pequeno toque do que um aperto de mão. Já vira muitas mulheres que não sabiam como se dava um aperto de mão, Maeve, porém, nem sequer tentara de verdade. Talvez fosse suposto eu pegar na mão dela e ajoelhar-me, mas se ela estava à espera de genuflexões, teria muito que esperar. Eu já tinha rainha, e uma só rainha. Maeve Reed podia ter sido rainha em Hollywood, no entanto, não era exactamente a mesma coisa.

Percebi que o meu rosto transparecia uma expressão baralhada, mas não consegui entender o que se passava por trás daquela cara bonita. Nós tínhamos de saber.

— Contratou mesmo a Kane & Hart para a proteger de nós, não foi?

Maeve dirigiu-me um olhar perfeito, agradável, espantado, incrédulo: olhos esbugalhados, boca de lábios maravilhosamente pintados aberta num pequeno «o». Era o olhar perfeito para uma câmara, para uma tela onde a sua cara medisse seis metros. Era um rosto para ganhar audiências e conquistar os directores de estúdios.

Era uma bela cara, mas não era assim tão bela.

— Um simples sim ou não chega, senhora Reed.

— Perdão? — disse ela, com uma voz apologetica, expressão delicada, olhos um pouco confusos. Estava a apertar o braço de Julian com demasia-

da força, o que demonstrou que todo aquele gesto de confusão não passava de uma mentira.

— Contratou a Kane & Hart para a protegerem de nós?

Ela deu a gargalhada que a revista *People* outrora apelidara de o-riso-de-cinco-milhões-de-dólares, aquele em que os seus olhos se enrugavam, as faces brilhavam e a boca ficava só um pouco aberta.

— Que ideia tão estapafúrdia! Senhora Gentry, garanto-lhe que não tenho medo de si!

Ela evitara uma resposta directa. Não tinha medo de mim, essa parte tinha de ser verdade, porque, entre nós, mentir é tabu. Se Doyle não tivesse sugerido que eu fosse mal-educada, quando estávamos na carrinha, eu teria deixado passar o assunto. Isto porque insistir impiedosamente teria sido bem mais do que falta de educação, teria sido insultuoso e já outros duelos haviam começado por muito menos. Todavia, somente entre membros da realeza Sidhe é que se podia ter alguma esperança que se conhecessem as regras. Nós estávamos à espera que Maeve pensasse que eu fora criada entre selvagens: Unseelies e humanos.

— Tem medo dos meus guardas, então? — perguntei.

O riso continuava a fazer o seu rosto brilhar e os olhos reluzirem, enquanto olhava para mim.

— O que lhe deu tal ideia absurda?

— A senhora.

Ela abanou a cabeça, agitando aquele longo lençol de cabelo amarelo em volta do seu corpo. O brilho do riso perdurava no rosto e os olhos dela só estavam um pouco mais azuis. Subitamente, apercebi-me que não era o brilho do seu sorriso, que deveria ter desaparecido, mas sim um tipo de *glamour* muito subtil. Ela estava a fazer-se cintilar, só um pouco, propositadamente. E se ela estava a brilhar, então estava a tentar convencer-me a acreditar nela.

Franzi o sobrolho, já que não sentia qualquer magia a ser usada contra mim. Normalmente, quando outro Sidhe usa magia, nós sabemos-lo.

Olhei de relance para trás de mim, para os guardas. Doyle e Frost estavam de pé, mas agora estavam ilegíveis, autoritários até. Kitto permanecia ao lado do sofá, onde eu o deixara. Uma pequena mão agarra nas costas brancas do sofá com uma firmeza letal, como se fosse melhor tocar em alguma coisa do que ficar ali sem qualquer contacto com nada.

Perguntei-me se ele estaria a sentir coisas que eu não conseguiria sentir. Somente uma parte de mim era feérica, tinha sempre a esperança de não deter certas partes devido a essa mistura de heranças. Também ganhara coisas: como ter a capacidade de fazer magia de grande magnitude em

sítios rodeados por metal, por exemplo. Contudo, quando se ganha algo, pode-se sempre perder outra coisa qualquer.

— Senhora Reed, vou perguntar mais uma vez: contratou a Kane & Hart para a protegerem dos meus guardas?

— O que eu disse ao Julian e aos homens dele foi que tenho alguns fãs demasiado fanáticos.

Nem me dei ao trabalho de olhar para Julian em busca de uma confirmação.

— Acredito que tenha sido isso que disse ao Julian, senhora Reed. Agora, qual foi o verdadeiro motivo pelo qual os contratou?

Ela fitou-me com um horror trocista estampado no rosto, ou talvez esse horror fosse real. Olhou de relance para Frost e Doyle e disse:

— Não lhe deram educação?

— Ela tem toda a educação de que precisa — respondeu Doyle.

Algo estremeceu nos olhos de Maeve: medo, penso eu. Voltou a olhar para mim e, bem lá no fundo daqueles olhos ligeiramente cintilantes, permaneceu aquele tremor. Ela estava com medo. Com muito, muito medo. Mas de quê?

— Contratou mesmo o Julian e a gente dele por causa dos fãs fanáticos?

— Pare com isso! — murmurou ela.

— Acha mesmo que vamos fazer-lhe mal? — perguntei.

— Não — respondeu ela, e respondeu demasiado rápido, como se ficasse aliviada por finalmente poder dar uma resposta directa.

— Então, porque tem medo de nós?

— Porque está a fazer-me isto? — perguntou ela, e a sua voz continha toda a mágoa que qualquer donzela tem quando pergunta o mesmo ao seu amor que segue outro caminho.

Sustive a respiração para conseguir ouvir. Julian parecia abatido.

— Acho que já fizeste perguntas de mais, Meredith.

Abanei a cabeça.

— Não fiz, não. — Olhei aqueles olhos azuis repletos de dor e disse:

— Senhora Reed, não tem de se esconder de nós.

— Não sei o que quer dizer com isso!

— Isso é absolutamente mentira — disse eu suavemente.

Repentinamente, os olhos dela pareceram cristal azul e apercebi-me que estava a ver aqueles olhos muito, muito azuis através de lágrimas não derramadas. De seguida, as lágrimas escorreram pelas suas bochechas douradas e, à medida que deslizavam lentamente, o azul dos olhos dela tornou-se numa névoa, mudou, ainda eram azuis, mas agora eram tricolores como os meus.

Qual safira cintilante, havia uma grande linha exterior de um azul bem escuro, depois tinha um círculo mais estreito semelhante a cobre derretido e outro círculo igualmente estreito de ouro líquido em volta do ponto escuro da sua pupila. No entanto, o que distinguia os olhos dela, mesmo entre os Sidhe, era o facto de o dourado e de o cobre percorrerem a íris dela como traços de cor num belo pedaço de lápis-lazúli, de tal modo que fulgores metálicos reluziam a partir daquele círculo de um azul-escuro impecável.

Os olhos dela pareciam um céu azul tempestuoso fragmentado por relâmpagos coloridos.

Nenhuma máquina de filmar vira aqueles olhos durante todos os quarenta anos em que fora uma estrela de cinema. Os seus olhos verdadeiros. Tenho a certeza de que algum dos seus agentes ou algum produtor de cinema há muito tempo a convencera a ocultar as suas características menos humanas. Eu escondera o que era e a minha aparência somente durante três anos e fazê-lo matara partes de mim. Maeve Reed fazia-o há décadas.

Ela manteve o olhar desviado de Julian, como se não quisesse que ele o visse. Tirei a mão dela do braço de Julian. Ela tentou resistir e eu não a puxei com força, mantive apenas uma leve pressão no pulso dela até ela erguer a mão de livre e espontânea vontade. Depois segurei-lhe na mão toda, embalando-a. Ajoelhei-me à sua frente e levei a mão dela até aos meus lábios. Depositei o mais leve toque sobre aquela mão dourada e disse:

— Maeve Reed, tem os olhos mais bonitos que alguma vez vi.

Ela retirou a outra mão do braço de Julian e simplesmente permaneceu ali a olhar para baixo, para mim, com as lágrimas a escorrerem-lhe pelas bochechas quais gotas de cristal. Lentamente, libertou-se do restante *glamour*. O bronzeado começou a desvanecer, ou a mudar, até ela já não ter um tom castanho tipo mel, mas sim um dourado suave uniforme. O cabelo dela ficou mais pálido, mais louro e cada vez mais louro, até ser quase um louro esbranquiçado. Não consegui perceber porque é que ela mudara a cor do seu cabelo para um louro amarelo mais comum. Qualquer uma daquelas cores estava dentro dos padrões humanos.

Peguei em ambas as suas mãos enquanto ela se despia de um século de mentiras, permanecendo à minha frente algo extremamente cintilante. Subitamente pareceu haver mais cores na sala, um aroma doce a flores que cresciam a quilómetros de distância deste sítio deserto. Ela apertou as minhas mãos, como se estas fossem a sua única âncora, como se ela pudesse desaparecer na luz e na doçura, caso eu a largasse.

Atirou a cabeça para trás, de olhos fechados, e o seu brilho dourado preencheu a sala como se um pequeno Sol se tivesse, repentinamente, erguido perante mim. Ela brilhava e chorava e apertava as minhas mãos com

tanta força que chegava a doer. Algures no meio de tudo aquilo, descobri que eu também estava a chorar e que o brilho dela tinha evocado o meu, a minha pele parecia estar preenchida pelo luar.

Ela ajoelhou-se ao meu lado, observando as nossas mãos com admiração, um brilho pressionado contra o outro. Começou a rir-se alegremente, de uma forma um pouco histérica.

Algures por entre todas as gargalhadas consegui perceber as palavras dela:

— E eu... pensava que o perigo... eram os homens.

De repente, inclinou-se para mim e pressionou os lábios dela contra os meus. Fiquei tão estupefacta com o beijo que, simplesmente, fiquei estática por um instante. Como teria eu reagido se ela me tivesse dado tempo para pensar, não sei, porque ela afastou-se de mim rapidamente e correu de volta para de onde tinha vindo.